



FACULDADE DE LETRAS

UNIVERSIDADE DO PORTO

Cristina Inês Oliveira Brás de Sousa

2º Ciclo de Estudos em Turismo

Arte Pública e Dinamização Turística – “Museu Internacional de Escultura Contemporânea em Santo Tirso” – Proposta de Dinamização Turística

2013

Orientador: Prof.^a Dr.^a Maria Inês Amorim

Classificação: Ciclo de estudos:

Dissertação/relatório/ Projeto/IPP:

Versão definitiva

Agradecimentos

À minha Professora e Orientadora prof^a Doutora Inês Amorim, por ter acreditado no meu trabalho e pelo total apoio que sempre me deu. Se assim não fosse, sei que não teria chegado até aqui...

Ao Eng.º João Paulo Correia, funcionário da Câmara Municipal de Santo Tirso, pelas longas conversas acerca do Museu Internacional de Escultura e das ações da Câmara Municipal neste sentido, e por todas as informações prestadas e material disponibilizado.

Ao Dr. Nestor, funcionário da Câmara Municipal de Santo Tirso no Museu Municipal Abade Pedrosa, pelos materiais e informações facultados.

Aos meus pais, Maria Leonor e Joaquim Fidalgo, pelas inúmeras horas de *babysitting*....

Ao meu marido, Luís Filipe, pela paciência nos momentos em que não estive lá....

Aos meus queridos filhos, João e Rodrigo, por serem a minha eterna fonte de inspiração!

Resumo

Este trabalho, cujo objeto de estudo é o Museu Internacional de Escultura ao Ar Livre em Santo Tirso, pretende relacionar o contributo deste museu como património atrativo para a atividade turística da cidade de Santo Tirso. Define-se o processo de construção, as diferenças e especificidades relativamente à oferta museológica tradicional, dado que as peças deste museu se encontram dispersas pela cidade, em claro contexto de espaço aberto e público, valorizando espaços e jardins. Este estudo abrange ainda a contextualização histórica da cidade/concelho, o seu percurso evolutivo no que respeita ao turismo, em estreita relação com o rio Ave e os projetos municipais que se encontram em marcha para a revitalização desta cidade em termos sociais e económicos. O Museu surge, assim, inserido em outras heranças culturais tradicionais mas oferece uma leitura nova de uma cidade antiquíssima. A proposta deste recurso turístico foi avaliada segundo a análise SWOT, justificando a proposta de criação de uma Aplicação Eletrónica para o Museu, que serve de complemento e enriquecimento das medidas de dinamização já pensadas pela autarquia local, com a finalidade de ampliar (quantidade) e diversificar (turistas externos e internacionais) o número de visitantes a este Museu.

Palavras-chave: arte pública, arte contemporânea, património cultural, turismo cultural, museu ao ar livre, Santo Tirso.

Palavras-chave: arte pública, arte contemporânea, património cultural, turismo cultural, museu ao ar livre, Santo Tirso.

Abstract

This work, whose object of study is the International Museum of Outdoor Sculpture in Santo Tirso, purports to relate the contribution of this museum as a heritage tourism attraction for the city of Santo Tirso. The construction process is defined by the differences and specifics regarding the offer of traditional museums, given by the pieces of this museum scattered through the city, in the clear context of open space and public spaces and gardens valuing. This study also covers the historical background of the city / county, its evolutionary path in relation to tourism, in close relationship to the river Ave and municipal projects that are underway to revitalize this city in social and economic terms. The Museum thus appears inserted in other traditional cultural heritages but offers a new reading of an ancient city. The purpose of this tourism resource was evaluated according to the SWOT analysis, justifying the proposed creation of an Application for Electronics Museum, which serves as a complement and enrich the proactive measures already designed by the local authority, in order to enlarge (quantity) and diversification (foreign tourists and international) the number of visitors to this museum.

Keywords: public art, contemporary art, cultural heritage, cultural tourism, outdoor museum, Santo Tirso.

Lista de Abreviaturas e Siglas

AMP – Associação de Municípios do Porto

APOM – Associação Portuguesa de Museologia

CMST – Câmara Municipal de Santo Tirso

ERTPNP – Entidade Regional do Turismo do Porto e Norte de Portugal

IPDT – Instituto de Planeamento e Desenvolvimento do Turismo

MIEC – Museu Internacional de Escultura ao Ar Livre

MIEC_ST - Museu Internacional de Escultura ao Ar Livre em Santo Tirso

PRU – Programa de Regeneração Urbano

PUMA – Plano de Urbanização das Margens do Ave

Índice de Imagens

Imagem 1 – Mosteiro de Santo Tirso “Candidatura a Património Mundial -----	Pág. 40
Imagem 2 – Mosteiro de S. Bento -----	Pág. 43
Imagem 3 – Terrenos da Escola Agrícola de Santo Tirso -----	Pág. 43
Imagem 4 – Marachões do Ave -----	Pág. 44
Imagem 5 – Canoagem no Ave -----	Pág. 45
Imagem 6 – Lavadeira no Ave -----	Pág. 46
Imagem 7 – Igreja de Roriz -----	Pág. 48
Imagem 8 – Hotel Cidnai -----	Pág. 49
Imagem 9 – Parque Urbano da Rabada -----	Pág. 50
Imagem 10 – Vista aérea da Fábrica de Santo Thyrso -----	Pág. 52
Imagem 11 – Vista aérea do Parque Urbano da Rabada -----	Pág. 53
Imagem 12 – Vista aérea do Parque Urbano da Rabada -----	Pág. 53
Imagem 13 – Escultura Água e Pedra de Alberto Carneiro -----	Pág. 59
Imagem 14 – Planta Esquemática da distribuição das Esculturas do MIEC -----	Pág. 61
Imagem 15 – Escultura do MIEC_ST -----	Pág. 63
Imagem 16 – Escultura do MIEC_ST -----	Pág. 64
Imagem 17 – Escultura do MIEC_ST -----	Pág. 65
Imagem 18 – Escultura do MIEC_ST -----	Pág. 66
Imagem 19 – Escultura do MIEC_ST -----	Pág. 68
Imagem 20 – Escultura do MIEC_ST -----	Pág. 70
Imagem 21 – Escultura do MIEC_ST -----	Pág. 71
Imagem 22 – Escultura do MIEC_ST -----	Pág. 72

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Visitantes do MIEC -----	Pág. 84
-------------------------------------	---------

Sumário

Agradecimentos	Pág. 1
Resumo	Pág. 2
Abstract	Pág. 3
Lista de Abreviaturas e Siglas	Pág. 4
Índice de Imagens	Pág. 5
Índice de Tabelas	Pág. 5

I Parte

1) Introdução	Pág. 8
1.1) Apresentação do tema - Justificação e objetivos	Pág. 11
1.2) Fontes e metodologia	Pág. 14

II Parte - Enquadramento Teórico

2) Património/Novo Património e Turismo	Pág. 16
2.1) O património cultural e os Novos patrimónios: que espaço para a Arte Pública – Arte Contemporânea?	Pág. 16
2.2) Turismo Cultural e Nichos de mercado – um setor a explorar na procura do sucesso e retorno do investimento – a importância da preservação	Pág. 22
2.2.1) A importância do <i>Espaço Turístico</i>	Pág. 25
2.2.2) Santo Tirso – enquadramento na estratégia conjunta da Área Metropolitana do Porto (AMP)	Pág. 28
2.2.3) Evolução do turismo – análise da procura na cidade do Porto e Norte de Portugal	Pág. 31
2.2.4) A oferta cultural da cidade, os museus e a Arte Pública	Pág. 34

2.2.4.1) Desenho de uma estratégia de Marketing para um Museu -----	Pág. 37
2.2.5) A Oferta Turística e Cultural em Santo Tirso – Elementos de Atratividade – -----	Pág. 38
III Parte	
3) Museu Internacional de Escultura ao Ar livre de Santo Tirso – entre a tradição e a inovação -----	Pág. 42
3.1) Santo Tirso, Enquadramento espaço-temporal -----	Pág. 42
3.2) Santo Tirso, Zona de Turismo – passado e presente -----	Pág. 48
3.3) PRU – Programa de Regeneração Urbana de Santo Tirso -----	Pág. 51
3.4) Criação do Museu Internacional de Escultura ao Ar Livre em Santo Tirso (MIEC_ST) e Alberto Carneiro -----	Pág. 55
3.4.1) Missão e Objetivos do Museu -----	Pág. 60
3.4.2) Inventário e classificação das Obras – <i>Simpósios</i> -----	Pág. 62
3.4.3) Medidas Dinamizadoras do MIEC_ST – Câmara Municipal de Santo Tirso – -----	Pág. 74
3.5. Proposta de dinamização e promoção do Museu Internacional de Escultura ao Ar livre através de uma Aplicação Eletrónica -----	Pág. 84
3.5.1) Um Balanço da Atratividade e Análise Swot -----	Pág. 84
3.5.2) Uma Experiência a testar: Uma Aplicação Eletrónica de Realidade Aumentada -----	Pág. 88
4) Conclusão e Considerações Finais -----	Pág. 92
5) Fontes e Bibliografia -----	Pág. 96
6) Anexo -----	Pág. 101

I Parte

1) Introdução

Os mercados turísticos, altos dinamizadores da economia atual de muitos países, tem vindo a sentir a necessidade de se reinventar e reorganizar, por forma a captar o interesse de potenciais visitantes.

Sendo a oferta um processo crescente, as motivações dos viajantes/turistas assumem novos contornos, tornando as potencialidades turísticas cada vez mais variadas. Aliadas a campanhas de marketing, onde a palavra “novo” representa o “isco” para a venda dos mais variados produtos turísticos que vão sendo criados, as formas mais clássicas da motivação turística, como disso é exemplo o turismo cultural, vão-se descortinando e evoluindo nos conceitos e serviços/produtos disponíveis.

Torna-se cada vez mais pertinente, o estudo da motivação turística de determinado mercado, no sentido de definir estratégias eficazes, para que o turismo se torne um elo fundamental no desenvolvimento de uma região. Em tempos em que o Homem se reinventa a todos os níveis, faz sentido falarmos de um novo turista. Um turista mais consciente e congruente em relação às suas ações no meio, mais preocupado e interessado, mais exigente e, principalmente, sedento de novas sensações na diferenciação do chamado tempo livre.

Dada a envolvimento social desta atividade económica, um bom destino turístico é feito por todos, pois tudo o que acontece durante uma viagem ou visita turística influencia a forma como o visitante vai “sentir” e classificar a sua experiência. Daí, existirem já várias ações, promovidas até por Associações, Regiões de Turismo e pelo Turismo de Portugal, com vista à sensibilização dos vários agentes do “processo turístico”, sob forma de publicidade institucional, valorizando as potencialidades turísticas e referenciando “padrões” de uma receção turística equilibrada e de referência. Tomemos como exemplo o vídeo “Portugal, A Beleza da Simplicidade”¹, onde se

¹Vídeo Promocional Turismo de Portugal. Disponível em: [<http://www.youtube.com/watch?v=iC1i - YluLY>], Consult. 25 Jun 2013

agregam imagens da potencialidade turística do nosso país, em quatro minutos de sucessivas imagens de Património Cultural, Paisagístico e de puro Lazer.

Se em análise, se encontra uma atração turística cujo público-alvo representa um nicho de mercado, muito mais importante se torna a forma como o visitante retrata e relata a sua vivência, contribuindo deste modo de forma ativa, positiva ou negativa, na captação de novos visitantes.

O Museu Internacional de Escultura ao Ar Livre, em Santo Tirso, não nasce com o objetivo final de se transformar numa atração turística de referência para a cidade, mas sim uma proposta do escultor António Carneiro ao então Presidente da Câmara Municipal Dr. Joaquim Couto, para a constituição de “um Museu de Escultura Contemporânea aberto nos espaços públicos da cidade (...)”, no sentido de fomentar a arte contemporânea, enriquecendo o espaço público através da criação de novo património.²

Assim, desde 1991, a cidade de Santo Tirso acolhe o Simpósio Internacional de Escultura reunindo artistas de todo o mundo. O projeto inicial previa a realização de 10 simpósios, que geralmente decorreram por um período de dois meses, durante os quais os escultores executaram as suas obras e procederam à sua implantação nos espaços públicos do município.

Com o decorrer do tempo e a implementação das obras, este museu fundiu-se nos espaços verdes da cidade, no quotidiano dos cidadãos e nas referências turísticas de quem a visita.

O contacto com as obras não é contornável e saber mais sobre as mesmas torna-se imperativo para que todos os que as olhem possam conhecê-las melhor. Sejam residentes, transeuntes ou turistas, a degustação destas esculturas vai para além do olhar, podendo acrescentar-se à pura visualização o sentido da sua criação, o objetivo da sua implementação e a sua representação concreta ou abstrata.

² CARNEIRO, Alberto- *Catálogo do 7º Simpósio de Escultura de Santo Tirso*. Santo Tirso: Câmara Municipal de Santo Tirso, 2004, p. 8.

Ao longo deste trabalho, pretende-se apresentar o Museu Internacional de Escultura ao Ar Livre em Santo Tirso, caracterizar a sua envolvente, compreender a sua criação no contexto dos conceitos de património cultural, descrever as ações futuras já previstas para fomentar este projeto e acrescentar propostas que possam vir a contribuir ativamente para o seu enriquecimento, incluindo-o nos circuitos turísticos, objetivo final desta dissertação – a ligação entre património e turismo.

1.1) Apresentação do tema - Justificação e objetivos

Na cidade de Santo Tirso, onde o passado e o presente se encontram em simbiose perfeita, coabitam dois museus municipais que espelham o passado e o presente, através de espólios que não poderiam ser mais díspares.

No Museu Abade Pedrosa, cujo nome pretende honrar este prestigiado tirsense, médico de formação e grande amigo dos Arqueólogos Martins Sarmento e Possidónio da Silva, tem uma exposição permanente que retrata a arqueologia tirsense, desde a Pré-História até à Idade Média.

Como informa o próprio sítio, o conteúdo é vasto como se pode ler: “Do amplo espólio arqueológico destacam-se os materiais líticos do período Neolítico e Calcolítico provenientes de contextos funerários associados a expressões culturais vinculadas ao fenómeno megalítico; o conjunto de materiais cerâmicos e metálicos provenientes da necrópole do Corvilho, datada do Bronze Médio/Final; o espólio lítico, cerâmico, vítreo, metálico, numismático e osteológico proveniente do Monte do Padrão, cuja ocupação se desenvolve desde o Bronze Médio/Final ao início do séc. XVII; o espólio lítico, cerâmico, vítreo, metálico e numismático proveniente do Castro de Alvarelos, cuja ocupação aqui representada se desenvolve desde o Bronze Final a meados do séc. V; o espólio cerâmico e vítreo da necrópole galaico-romana de Rorigo Velho e os monumentos epigráficos de S. Bartolomeu e Roriz.”³

Aquando da sua inauguração, a coleção do Museu Municipal era apenas constituída pelos objetos arqueológicos “achados” pelo Abade Pedrosa nas últimas décadas do séc. XIX e na primeira década do séc. XX. Em meados do século passado, a coleção foi aumentada pelo acréscimo das peças encontradas durante as escavações levadas a cabo no Castro do Monte do Padrão e no Monte Córdova, dirigidas por Carlos Faya Santarém na década de cinquenta.

Ao celebrar um protocolo de colaboração com a Universidade do Minho, com o objetivo de fomentar o estudo e a conservação do património arqueológico do concelho

³Museu Municipal Abade Pedrosa. Câmara Municipal de Santo Tirso. Disponível em: [<http://www.cmstirso.pt/pages/330>], Consult. 16 Mar 2013

de Santo Tirso, encetou-se uma nova fase de “incremento do acervo museológico com a incorporação de materiais arqueológicos resultantes de trabalhos de prospeção e escavação arqueológica”.⁴

O Museu Internacional de Escultura Contemporânea surge num outro registo e parece complementar a espessura patrimonial do passado. Trata-se de um acumular de conceitos e de experiências, mesmo originalidades, se pensarmos que não existe outro lugar nacional com que se possa fazer uma comparabilidade. Na verdade, a exposição tem vindo a ser construída ao longo das últimas três décadas, através da realização de sucessivos simpósios, que resultaram na implementação, em espaços públicos, de peças produzidas pelos mais variados e prestigiados autores, nacionais e estrangeiros.

Embora esta cidade detenha esta riqueza cultural, a sua visibilidade sempre recaiu sobre a produção têxtil e o grande aglomerado fabril do Vale do Ave na década de 70. De alguma forma, mais do que a cultura, era a indústria que o dominava. Contudo, o tempo e a conjuntura económica conduziu a uma outra abordagem. Desde o seu declínio neste setor, Santo Tirso não se tem demarcado noutras áreas, pelo que, têm vindo a ser feitos investimentos em novos recursos que possam dotar a cidade de novos interesses, através de financiamentos comunitários e locais.

O Museu de Escultura Contemporânea tem gerado nesta cidade uma nova visão sobre o espaço público – praças e jardins. A primeira peça, implementada pelo escultor Alberto Carneiro, adornou uma praça de chegada à cidade, que é uma das portas da cidade, onde chegam transportes públicos à cidade rodeada por elementos que abraçam a grande envolvente natural de Santo Tirso - *Água e Pedra: o rio e a montanha*. Desde aqui e até ao rio, estende-se uma magnífica coleção de esculturas, que chega até ao Parque da Rabada, uma recente infra-estrutura de Santo Tirso que se encontra do outro lado do rio Ave.

Este momento que a cidade vive, de regeneração urbana, de um rio que volta a fazer parte do quotidiano da população, de novos espaços públicos em reabilitação, de projetos que comungam parcerias importantes - como é o caso do Museu de Escultura Contemporânea com a Fundação de Serralves e a Nave Cultural da Fábrica do Teles

⁴ Museu Municipal Abade Pedrosa. Câmara Municipal de Santo Tirso. Disponível em: [<http://www.cmstirso.pt/pages/330>], Consult. 16 Mar 2013

com a ESAD, exige que todo este movimento se adorne de visitantes e turistas, e que daqui resulte um balanço positivo de todo o investimento realizado.

Estas potencialidades ao nível do turismo, só terão a sua missão completa quando devidamente divulgadas. Desconhecidas, não atraem ninguém, pelo que uma estratégia de comunicação deverá ser posta em marcha, no sentido de captar potenciais visitantes/turistas.

Pela sua posição geográfica e grande proximidade com a cidade do Porto, Santo Tirso poderá sair beneficiado com a grande e crescente afluência turística a esta cidade. Comungando do mesmo aeroporto e tendo ligações diretas ao nível ferroviário e rodoviário, a deslocação até Santo Tirso é facilitada, tanto mais que se situa no intervalo de dois grandes polos turísticos - Porto e Guimarães. A visível comunhão entre o passado e o contemporâneo, enquadram nesta cidade uma imagem que se quer representativa e característica do Norte de Portugal.

Assim, ao longo deste trabalho, pretende-se apresentar O Museu Internacional de Escultura Contemporânea, enquanto ferramenta de atração a novos mercados (nichos) turísticos, em complementaridade com a sua envolvente e outros fatores de atração turística.

Esta apresentação tem como principal objetivo apresentar o Museu Internacional de Escultura Contemporânea de Santo Tirso, contextualizar o concelho de Santo Tirso na atualidade, estabelecendo comparações com o passado, referenciar medidas dinamizadoras deste projeto já existentes e as que ainda se encontram em projeção, como é o caso do Centro Interpretativo do Museu.

Avaliando-se as virtualidades patrimoniais entende-se que deverão ser mediadas através de instrumentos de comunicação e por isso pretende-se, ainda, apresentar a proposta da criação de uma aplicação eletrónica, como um acréscimo às medidas já existentes de divulgação e atração de visitantes/turistas ao MIEC.

1.2) Fontes e Metodologia

Para a realização do presente trabalho, foi definida como principal fonte de pesquisa o recurso a obras literárias relacionadas com o tema, em bibliotecas diversas, tais como a Biblioteca da Faculdade de Belas Artes e da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Biblioteca do Museu de Serralves e a pesquisa *online* através de sítios referentes a museologia, à história da cidade de Santo Tirso e ao percurso do MIEC – Museu Internacional de Escultura Contemporânea ao Ar Livre, especificamente.

Obras conceptuais acerca dos conceitos de arte pública, património, património cultural e turismo são obrigatórias para contextualizar a sua importância num estudo de caso, como é o do concelho de S. Tirso.

No sentido de obter informações mais concretas acerca do museu e da sua formação, foi contactada a Câmara Municipal de Santo Tirso – Divisão de Cultura e Divisão de Turismo, pois é a esta edilidade que compete, em parceria com o escultor Alberto Carneiro, fomentar a continuidade deste projeto.

Nas várias deslocações realizadas à Câmara Municipal, foram-se recolhendo informações respeitantes à criação do Museu, desde a sua conceção aparentemente utópica por parte do escultor Alberto Carneiro, até ao último e IX Simpósio, realizado a 23 de Setembro de 2013. Estas informações, não foram recolhidas através de entrevistas de perguntas estanques, mas sim ao longo de “conversas” onde se desfiaram estes últimos anos da criação do MIEC. Foram também fornecidos materiais diversos, sob a forma de documentação institucional, não editada, nomeadamente em relação às medidas de dinamização do Museu, já pensadas por técnicos desta edilidade, mas que ainda não foram postas em marcha.

Durante a realização do presente trabalho, esteve patente uma exposição do escultor Alberto Carneiro na fundação de Serralves, intitulada “*Arte Vida/ Vida Arte – revelações de energias e movimentos da matéria*”, pelo que as mais variadas edições deste artista estiveram disponíveis na *mezanine* da biblioteca deste museu.

Antes de mais, as peças expostas, o enquadramento espacial serve-nos de roteiro que se propõe avaliar, seguir e fazer comunicar. Ou seja, as peças, as intenções colocadas são as que presidem a qualquer roteiro turístico da arte pública.

Acresce um conjunto de elementos iconográficos, os catálogos das exposições, as estatísticas resultantes de estudos recentes acerca do perfil e das rotas do(s) turista(s) procurando trabalhar esses dados e tendências.

Metodologicamente procurar-se-á cruzar informação estatística com depoimentos e relatórios, de forma a compilar material que se quer comunicar de forma expedita através da colaboração com uma aplicação informática.

A estrutura desta dissertação obedece a um caminho consistente: da conceptualização à aplicação prática. Procurar-se-á, num primeiro momento, levar a cabo um enquadramento coerente relativo à natureza deste Museu, que se encontra claramente no domínio do espaço público, aberto à atividade turística na sua vertente cultural, enquanto fator de enriquecimento dos espaços verdes da própria cidade e incremento da sua potencialidade turística.

Num segundo momento, apresentar-se-á o Museu, em paralelo com a sua envolvente física, descrevendo Santo Tirso que, como cidade e concelho, tem um percurso histórico secular e um futuro já projetado no que respeita aos objetivos delineados em termos sociais, urbanos, económicos e culturais onde se enquadra a atividade turística.

A última parte deste trabalho, será dedicada à proposta de desenvolvimento de uma aplicação eletrónica para telemóvel, com o objetivo de tornar o museu mais próximo do seu público-alvo, ao disponibilizar toda a informação referente à distância de um “clic”.

Esta abordagem, de funcionalismo mais “atual”, tem como suprema função “deslocar” o espólio do MIEC a cada um que deseje visitá-lo, ainda antes de chegar a Santo Tirso. Assim, representará ainda um estímulo ao interesse do visitante/turista, que entrará em (pré) contacto com a cidade de forma virtual.

II Parte

2) Património/Novo Património e Turismo

2.1) O património cultural e os Novos patrimónios: que espaço para a Arte Pública – Arte Contemporânea?

O património, nomeadamente, o património edificado é o elemento central do turismo cultural.

Mas o que é na realidade considerado património? Na perspetiva de Prats, citado por Elsa Peralta⁵ “o património é, e a este respeito existe hoje um consenso generalizado, “uma construção social”. (...) Aquilo que é ou não é património, depende do que, para um determinado colectivo humano e num determinado lapso de tempo, se considera socialmente digno de ser legado a gerações futuras.”

As tradições, manifestações e/ou construções “culturais” de um povo ou sociedade perduram no tempo e trespassam gerações, representando os valores do passado no que se intitula de Património. Pelas expressões materiais de um coletivo, constrói-se uma identidade, que pela repetição no tempo se torna característica de um povo ou região, identificando-a, classificando-a e tornando-a motivo de interesse para outros.

Conservar o património, nas suas mais variadas expressões – culturais, etnográficas, gastronómicas, entre outras – representa, por vezes, uma revisitação ao passado que tanto entusiasma, quer autóctones quer visitantes/turistas. Tome-se como exemplo, a produção de feiras medievais, cortejos históricos e etnográficos ou exibições gastronómicas, onde a réplica de determinada época é a principal atração, procurando-se a autenticidade dos trajes, usos e costumes (jogos e comércio de bens). Não se discute a sua autenticidade, mas apenas uma evocação que parece querer recriar memórias.

Sendo o património uma construção social deverá então representar a vontade coletiva num momento passado, que seja valorizado no futuro, mas quem o determina? “Trata-se de um processo simbólico de legitimação social e cultural de determinados

⁵ PERALTA, Elsa - PATRIMÓNIO E IDENTIDADE. OS DESAFIOS DO TURISMO CULTURAL. *ANTROPOIÓGICAS*. n.º4, 2000, p. 218. Disponível em: [\[http://revistas.rcaap.pt/antropologicas/article/viewFile/932/734\]](http://revistas.rcaap.pt/antropologicas/article/viewFile/932/734), Consult. 20 Abr 2013

objetos que conferem a um grupo um sentimento colectivo de identidade. Neste sentido, toda a construção patrimonial é uma representação simbólica de uma dada versão da identidade, de uma identidade “manufacturada” pelo presente que a idealiza. Assim sendo, o património cultural compreenderá então todos aqueles elementos que fundam a identidade de um grupo e que o diferenciam dos demais”.⁶

Através do Património, um povo identifica-se, define-se, orgulha-se e promove-se pelo seu passado. Tomando como exemplo Portugal e os spots publicitários do país enquanto destino turístico, note-se a identidade portuguesa, assim como o seu legado histórico e autenticidade, como principais atrações turísticas. Afinal uma síntese breve de iconografias que lembram e recordam símbolos sem tempo nem espaço.

A evolução das sociedades e, conseqüentemente, das manifestações e produções artísticas de cada “época”, levam a que a classificação do Património abranja novas formas de expressão, muitas vezes pouco valorizadas ou reconhecidas. A “convivência” com as novas formas de arte ao longo do tempo, conduz à identificação e reconhecimento por parte das populações e entidades responsáveis. “Trata-se de um processo simbólico de legitimação social e cultural de determinados objetos que conferem a um grupo um sentimento coletivo de identidade. Neste sentido, toda a construção patrimonial é uma representação simbólica de uma dada versão da identidade, de uma identidade “manufacturada” pelo presente que a idealiza”.⁷

De forma geral, as novas expressões são inicialmente acolhidas e desenvolvidas por um movimento inovador de artistas que ao apresentá-las numa linha coerente de trabalho e expondo-as, originam domínios artísticos ainda inexplorados, dando forma a diferentes correntes artísticas.

“A arte pública, aquela que se coloca e é presença permanente nos espaços de sociabilidade, hoje, é tema, assunto de conversas, debates e comunicações, em toda a parte. (...) A arte pública tem um papel fundador na formação dos públicos da arte contemporânea ainda mais do que os museus ou outros espaços onde ela se manifeste como vontade para outras vivências culturais. Nos espaços públicos a arte tem a vida

⁶MILES, Malcom, et al – **Arte Pública e Cidadania - Novas Leituras da Cidade Criativa**. Caleidoscópio, 2010. Pág. 107.

⁷ Idem, *Ibidem*

real dos seus espectadores. Tem a mesma escala vivencial. É parte integrante do corpo de quem habita o mesmo espaço e a frui como suporte da sua inquietação cultural específica.”⁸

A discussão em volta da arte, da arte para todos, acessível e enriquecedora de espaços e cidadãos, conduz à questão do que é a arte pública, no sentido de a mesma dispensar barreiras físicas a quem desejar dela desfrutar, de o espaço público ser utilizado por novas formas de arte que, muitas vezes, não vão de encontro ao que todos expectam (alguns grafitis, por exemplo) e também de caber às instituições públicas a implementação destas obras, assim como a sua manutenção.

As obras de arte com que se deparam os transeuntes da cidade, vão provocando diferentes impactos e motivando diversos interesses, consoante a natureza de quem as vê, no sentido de que recebe olhares de visitantes, trabalhadores, estudantes, curiosos, especialistas, entre outros.

Por ser pública, está disponível, e é entendida por cada um de forma única, sendo também, ao longo do tempo, desenvolvida uma relação entre as peças e as pessoas. As obras definem lugares, provocam sentimentos e, quando perduram no tempo, é-lhes muitas vezes feita justiça na sua grandiosidade.

A ausência de muros, portas ou barreiras em espaços que embora públicos, se encontram na sua maioria “barrados”, oferece também aos próprios artistas a aproximação da sua obra à comunidade em geral.

“A realidade criativa do artista é a de questionar as respostas da arte, no sentido de abrir a percepção para outros sentires e pensamentos do corpo. A arte é uma realidade empírica que se abre às instituições e se projeta no mundo simbólico dos seus fruidores como metáfora de uma realidade mais profunda do ser, que apenas se revela após a experiência e evidência de acto criador. Esta consciência de que a arte comunica através da metáfora e pela revelação de algo que suscita sentimentos e pensamentos que se consubstanciam no mundo do fruitor, transformando a sua sensibilidade estética e o

⁸ CARNEIRO, Alberto- *Catálogo do 7º Simpósio de Escultura de Santo Tirso*. Santo Tirso: Câmara Municipal de Santo Tirso, 2004, pág. 8

seu entendimento artístico, é essencial para quem trabalha no campo da arte e a quer pública.”⁹

A arte contemporânea em particular, tal como a arte em geral, encerra em si mesma um certo elitismo, o que a distancia da comunidade em geral. Aprecia-a quem a compreende, quem a procura e quem se interessa por uma obra de forma espontânea. A mensagem, tantas vezes implícita, ao invés de explícita, com um significado diferente para cada qual que a observa, necessita de suportes de informação para ser apreendida e compreendida e por vezes, até “olhada” sequer. Mas esta visão de um fechamento erudito tem sido amplamente contrariado, sobretudo porque a narrativa tempo tem transformado os museus em museus da sociedade, porque interpretativos. Além do mais não são mais puras “instalações” mas ensaiando provocatórias exposições temporárias.¹⁰

A arte pública surge nesta continuidade, porque fora dos Museus se confunde progressivamente com a vida quotidiana. O espaço como “Arte-em-si-mesma”, que contribui, afinal, integra os espaços públicos, com uma dimensão estética. Só assim faz sentido que se utilize o espaço comum, como plataforma intermediadora entre um emissor e um recetor geralmente coletivo¹¹.

“Se a casa é o lugar que o homem cria para viver a sua intimidade, fechada aos olhares alheios, a cidade é o espaço que conforma a sua relação com o exterior, com o outro: é o mundo real.”¹² “É o encontro do “prazer na cidade”, através do reconhecimento de que a cidade é feita pelos homens e para os homens”.¹³

A arte pública, que foi até às últimas décadas do século XX, caracterizada essencialmente por uma “ (...) forma de intervenção no espaço público da urbe através da edificação de monumentos, estátuas de personalidades eminentes, comemorações nacionais, locais e, mais recentemente, internacionais, etc”, revela-se agora no espaço público das cidades como um movimento de vanguarda, de expressão processual e não

⁹ ALMEIDA, Bernardo Pinto, “ALBERTO CARNEIRO, Lição de Coisas, 2007

¹⁰ SILVA, Raquel Henriques da – O (s) discurso (s) dos museu de arte: da celebração aurática e da sua questionação, in Museus, discursos e representações. Porto. Afrontamento, 2006. Pág.95-101

¹¹ MILES, Malcom, et al – **Arte Pública e Cidadania - Novas Leituras da Cidade Criativa.** Caleidoscópio, 2010. Pág. 5-11

¹² OLIVARES, Rosa, - *Catálogo do 2º Simpósio de Escultura de Santo Tirso.* Santo Tirso: Câmara Municipal de Santo Tirso, 1993, pág. 12

¹³ MILES, Malcom, et al – **Arte Pública e Cidadania - Novas Leituras da Cidade Criativa.** Caleidoscópio, 2010. Pág. 141

objectual, exibindo “happenings, performances, instalações, arte mural e graffitis (...)” num novo contexto e perante novas políticas culturais.¹⁴

“Perante a sóbria tradição da escultura pública monumental dedicada desde a sua origem à comemoração de algum acontecimento triste (uma batalha, uma vitória, uma carnificina ou de um herói morto pela pátria), a escultura de parques e jardins sempre esteve mais associada à decoração, ao prazer e à celebração. A ideia do parque de esculturas está associada à própria ideia do jardim visto como um elemento de prazer contemplativo que o próprio jardim implica.”¹⁵ Ou seja, incorpora-se e sintetiza-se na paisagem humanizada.

Assim, a tradicional forma escultural fortemente associada a comemorações dativas e honras a ilustres, dá lugar a uma estatuária controversa, nem sempre bem compreendida e aceite por todos. Ainda que a interação com o observador seja um dos seus objetivos principais – implementando as peças ao nível do solo e sem pedestais - muitas vezes, a comunicação e relação entre ambos não se revela eficiente, dificultando e bloqueando o popularismo destas peças.

A outra componente é a da arte como fator de valorização do espaço, não de simples ocupação de espaços vazios, mas de incorporação imaterial porque provocadora de novos significados. Sobretudo quando se trata de cidades que sofreram crises industriais que alteraram as paisagens. Pela Europa fora, mas bem perto, nas Astúrias, a escultura ao ar livre tornou-se fonte de transformação e valorização da cidade.¹⁶

Na cidade de Santo Tirso, a arte objectual convive serenamente com as mais de quarenta esculturas implementadas ao abrigo dos simpósios do Museu de Escultura ao Ar Livre, nos últimos vinte anos.

Nesta cidade, onde a nova tendência proposta do escultor Alberto Carneiro assumiu preponderância no espaço público, foi evidente o apoio institucional às novas

¹⁴ MILES, Malcom, et al – **Arte Pública e Cidadania - Novas Leituras da Cidade Criativa**. Caleidoscópio, 2010. Pág. 17

¹⁵ CERCEDA, Miguel, “A escultura no parque: Ornamento e Monumento” - *Catálogo do 7º Simpósio de Escultura de Santo Tirso*. Santo Tirso: Câmara Municipal de Santo Tirso, 2004. Pág. 16-17

¹⁶ ALVAREZ, Soledad – « Impact de la mondialisation : de la ruine industrielle à la ville musée. gijón : la sculpture comme élément de transformation de la ville ». In *Les Villes et le monde. Du Moyen Âge au XX siècle*, dir. Acerra, Martine et alii., Rennes : PUR, 2011. Pág. 371-392

expressões artísticas, respeitando a envolvente através da utilização de materiais que fluíssem com o espaço.

Contudo, um dos princípios fundamentais do fomento deste projeto deverá assentar na sua sustentabilidade, por forma a perpetuar a qualidade do Museu através de uma manutenção eficiente. É de relevar que, visto ser um museu aberto em espaço público, onde não se cobram entradas, a atividade turística poderá, se bem explorada, funcionar como um impulsionador da economia local, gerando, deste modo, receitas que possam beneficiar a sua existência.

2.2) Turismo Cultural e Nichos de mercado – um setor a explorar na procura do sucesso e retorno do investimento – a importância da preservação

“O Turismo Cultural caracteriza-se por visitantes exteriores à comunidade local, cuja motivação será total ou parcial na história, manifestação artística, científica, tradições e património que oferece determinada comunidade ou região. De acordo com esta definição, atrações culturais poderão ser, museus, galerias, festivais, arquitetura, património, performances artísticas, assim como atrações relacionadas com gastronomia, vestuário, língua ou religião.”¹⁷. Ou seja, pressupõe a inclusão de um património material e imaterial que é valorizado por aqueles que vêm de fora.

O Turismo Cultural representa na globalidade do setor do Turismo um segmento específico de visitantes que, como tal, têm diferentes vontades e necessidades referenciadas em múltiplos trabalhos de investigação. Na verdade (...) a pesquisa demonstrou que os turistas que visitam museus de arte pertencem a níveis de educação e rendimento mais elevados, do que os turistas que visitam festivais, atividades musicais, parques temáticos, parques de diversões, feiras locais e eventos. (...) os visitantes de museus de arte têm maior probabilidade de ser originários de famílias de alto rendimento, são mais propensos a ter qualificações de ensino superior, e mais propensos a ser estudantes ou profissionais do que visitantes de outros tipos de museus.¹⁸

Sob uma perspetiva de Marketing, os diferentes segmentos deverão ser cuidadosamente estudados, por forma serem criados e desenvolvidos produtos e serviços que correspondam às diferentes expectativas dos respetivos públicos-alvo.

Deste modo e não sendo o mercado turístico cultural diferente de todos os outros, foi criado um modelo - McKercher (2002), que identifica cinco tipos de turistas, tendo como base o foco e a intensidade da visita enquanto experiência turística.

¹⁷ LAMBERT, Theopisti Stylianou - «Gazing from home: cultural tourism and art museums». *Annals of Tourism Research*. Cyprus. Vol.38, No.2, (2011) Pág.403-421

¹⁸ LAMBERT, Theopisti Stylianou - «Gazing from home: cultural tourism and art museums». *Annals of Tourism Research*. Cyprus. Vol.38, No.2, (2011) Pág.406

“research has shown that tourists who visit art museums belong to higher educational and income levels than tourists who engage festivals, musical activities, theme parks, amusements parks, local fairs, and events. (...) art museum visitors are more likely to come from high-income households, are more likely to have tertiary educational qualifications, and more likely to be students or professionals than visitors to other kinds of museums (Bennet, 1994; Schuster, 1991).

- 1) *“The purposeful cultural tourist (high centrality/deep experience)*
É aquele cuja principal motivação é conhecer a cultura (no seu todo) do seu destino obtendo uma profunda experiência.
- 2) *“The sightseeing cultural tourist (high centrality/shallow experience)*
É aquele cuja maior motivação perante o destino será conhecer a sua cultura, mas a sua experiência terá um carácter mais lúdico.
- 3) *“The casual cultural tourist” (modest centrality/shallow experience)*
Este turista dá pouca relevância às atrações culturais no momento da eleição do seu destino.
- 4) *“The incidental cultural tourist” (low centrality/shallow experience)*
Para este turista, o turismo cultural não tem representatividade significativa nas suas escolhas. No entanto, já no destino, é participativo nas atividades culturais que lhe surgem.
- 5) *“The serendipitous cultural tourist (low centrality/deep experience)*
Para este turista, as atrações culturais têm pouca ou até mesmo nenhuma importância na seleção do destino, mas quando se depara com uma visita cultura acaba por desfrutar de uma experiência bastante positiva.¹⁹

Este modelo, (aplicado a uma amostra de turistas culturais em Hong Kong), demonstrou a importância de classificar os diferentes tipos de turistas, pois esta segmentação valida o facto de se elaborarem diferentes estratégias de marketing para cada um deles, segmentando o mercado. No entanto, acima destas considerações, o Turismo continua a representar, independentemente da natureza da escolha do destino, momentos de descontração, convívio e rejuvenescimento, nomeadamente quando se trata de uma deslocação de puro lazer.

Ainda que, muitas vezes, o momento de lazer ocorra em complemento a uma viagem de negócios, em muitas cidades, são estes turistas que incrementam a procura do mercado cultural e o fazem desenvolver, em paralelo ao Turismo de Negócios.

¹⁹ MCKERCHER, Bob; CROS, Hilary - «Testing a Cultural Tourism Typology». International Journal of Tourism Research, Vol. 5, N.º 1, (2003). p 82.

Neste ponto pode referir-se a cidade de Santo Tirso, cuja ocupação hoteleira tem registo de muita atividade empresarial e onde a oferta paralela de lazer ao objetivo fulcral da viagem, poderá servir de motivação e referência a futuras deslocações.

Para além da classificação do turista acima referida, pode ainda considerar-se que um viajante não se transforma ao deslocar-se. Uma pessoa “cultural”, ou que já nos seus tempos livres do quotidiano opta por programas de natureza cultural, vai estender o seu gosto enquanto turista, optando assim por esta mesma oferta durante a sua viagem.

2.2.1) A importância do *Espaço Turístico*

Será o turismo cultural um elemento que se insere no que se entende por espaços turísticos, ou espaços onde desfrutar as suas férias? “O Espaço Turístico é uma unidade complexa, onde entram elementos turísticos e não turísticos e que junto com os agentes envolvidos neste espaço, todos perfeitamente coordenados, vão contribuir para conseguir objectivos comuns: clientes/turistas e agentes públicos e privados do espaço, satisfeitos pelos resultados da sua experiência de férias e lazer no espaço turístico.”²⁰

O grande movimento de pessoas pode conduzir a diferenças de densidades desses espaços e por isso se considera que “O **Turismo de massa** é uma aglomeração de pessoas em um único lugar (...)”, onde a principal atração turística, é na generalidade pontual, sendo assim, “o mais convencional, passivo e sazonal tendo a sua criação vinculado à consolidação do capitalismo o que propicia o surgimento do seu público alvo, a classe média”²¹.

Dada a forte diversificação e aumento das zonas turísticas em todo o globo, a concorrência entre as ofertas ser cada vez maior, pelo que a exigência da procura tem igualmente tendência a aumentar. “Para Fayos-Sola (1994) assiste-se a uma Nova Era do Turismo caracterizada pela super segmentação da procura, pela super flexibilidade da oferta e pela integração diagonal como forma de alcançar sinergias conducentes à rendabilidade desejada”.²²

No enquadramento estratégico de uma política bem definida em termos de Turismo, que vise criar a total satisfação do turista pela qualidade dos serviços oferecidos, a criação do *Espaço Turístico* surge no sentido de “reactivar e dinamizar a economia do sector com o objectivo de recuperar a competitividade perdida”.²³

Pode encarar-se um país como um “corpo turístico” e o espaço turístico como um órgão imprescindível ao seu completo e bom funcionamento. O bom desenvolvimento de um espaço turístico faz com que os investimentos nesse local sejam

²⁰ MIRANDA, Poveda Juan - **O Espaço Turístico, Gestão e Sustentabilidade**. Revista Portuguesa de Marketing. N.º 5 (1997). Pág.31.

²¹ Turismo de Massa. Wikipedia. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Turismo_de_massa], Consult. 8 Jun. 2013

²² MIRANDA, Poveda Juan - **O Espaço Turístico, Gestão e Sustentabilidade**. Revista Portuguesa de Marketing. N.º 5 (1997). Pág. 31.

²³ Idem, *Ibidem*

maiores, que haja mais pessoas a criar fontes de negócio, aumentando, deste modo, não só a concorrência e conseqüentemente a qualidade dos produtos/serviços prestados, como também a satisfação dos clientes e o aumento progressivo da qualidade de vida aí existente.

Quando o espaço turístico considerado é uma cidade, como se pretende que seja Santo Tirso, então deverá assumir uma caráter multidimensional e “novas e complexas funções, entre as quais se poderá destacar a operacionalização da atividade turística. (...) A partir do momento em que as cidades ganham a potencialidade de “não deixar fugir os seus habitantes”, como também “de atrair visitantes” estão criados os alicerces para se constituírem enquanto destinos turísticos. É o encontro do “prazer na cidade”, através do reconhecimento de que a cidade é feita pelos homens e para os homens”.²⁴

Um espaço turístico deverá interrelacionar entre si a satisfação dos turistas e toda a comunidade local; para isso deverá existir um conceito de unidade empresarial, que incremente a qualidade de vida dos cidadãos e satisfaça as expectativas dos seus visitantes; estes, enquanto avaliadores finais de todo o processo turístico, deverão ser o centro das atenções, pois a eles compete decidir voltar ou não e, essencialmente, referenciar o destino de forma positiva ou negativa.

A existência de um espaço turístico e de um turista/cliente, acentua o desenvolvimento local aos mais diversos níveis. Modelos e objetivos comuns modelam estratégias empresariais conjuntas, levando à coordenação entre todos os agentes do espaço, entre os poderes públicos nacionais e regionais, transportando para o mercado geração de emprego, rendimentos, lucros, investimentos, formação, qualidade e imagem.

A estratégia global deverá integrar o melhoramento e criação de equipamentos e infra estruturas adequados a uma atividade turística de qualidade e de referência (rede de transportes, hotelaria, postos de informação turística, sinalética, entre outros), assim como a preservação do Património existente – Natural, Cultural e Histórico.

²⁴ MILES, Malcom, et al – **Arte Pública e Cidadania - Novas Leituras da Cidade Criativa**. Caleidoscópio, 2010. Pág. 141

Cada destino turístico detém características capazes de o diferenciar de todos os outros, tornando-o único. Essas diferenças são o que proporciona ao visitante a capacidade de optar perante as suas próprias preferências.

Um *Espaço Turístico* na qualidade de unidade empresarial significa rentabilidade económica, pois concentrando em si oferta turística comercial de ócio e lazer, infra estruturas e património, possibilita a apreciação do local pelos turistas, fazendo com que os mesmos lá despendam de mais dinheiro e tenham vontade de regressar.

Na dinamização desta unidade empresarial, “tornam-se importantes os organismos públicos nacionais e regionais, já que estes, têm interesses e responsabilidades quer a nível social, quer a nível de fornecimento e manutenção das infra estruturas (sistema de recursos) nacionais ao serviço de todo o país e do turismo nacional e internacional.” Ou seja, um envolvimento não apenas estatal, digamos que de cima, mas também local, ou seja, de baixo para cima. (...) Na oferta turística propriamente dita, é uma clara competência do sector privado quando considerado gestor do espaço turístico, onde os elementos que entram na oferta são maioritariamente de carácter privado, para além dos de origem pública.”²⁵

Assim, é premente a cooperação entre organismos públicos e privados, visando diretivas capazes de promoverem, dinamizarem, criarem e/ou recriarem com êxito um *Espaço Turístico*.

²⁵ MIRANDA, Poveda Juan - **O Espaço Turístico, Gestão e Sustentabilidade**. Revista Portuguesa de Marketing. N.º 5 (1997). Pág. 33, 34

2.2.2) Santo Tirso – enquadramento na estratégia conjunta da Área Metropolitana do Porto (AMP)

Tornou-se já comum a ideia de que projetar culturalmente uma cidade implica um exercício político, articula-se com o princípio de que existem vantagens económicas se o desenvolvimento local assar pela cultura. Estudos de caso, em torno de Lisboa, fundamentam este desiderato.²⁶ A cidade de Santo Tirso integra o subsistema Urbano do Vale do Ave, possuindo uma forte ligação histórica e socioeconómica com o mesmo. Embora em 2005, no seguimento da reestruturação que se verificou em termos da divisão do território, este concelho tenha vindo a integrar-se no Grande Porto e na Associação de Municípios do Porto (AMP), não obstante esta reorganização administrativa a cidade continua, no que respeita à sua organização territorial, a fazer parte do Subsistema Urbano do Vale do Ave.

O município de Santo Tirso ainda mantém atualmente uma clara relação com a Associação de Municípios do Vale do Ave (AMAVE), que tem como finalidade responder a um conjunto de objetivos e metas específicas e comuns para o desenvolvimento deste território alargado (Vale do Ave), designadamente no âmbito das políticas ambientais, um dos indicadores da defesa de um património natural e cultural. Neste domínio, as intervenções que têm vindo a realizar-se, revelam ser de enorme importância para a estratégia de qualificação da cidade.

O forte relacionamento que estabelece com as cidades de Vila Nova de Famalicão e da Trofa sustentam a formalização, no quadro do Plano Regional, de um triângulo entre três cidades que, em paralelo com Guimarães, contribuem para estruturar o modelo difuso de povoamento de uma região envolvente alargada, abrangendo o médio Vale do Ave e reforçando uma plataforma territorial entre o Vale do Cavado/ Cidade de Braga e a Cidade do Porto.

“Uma cooperação entre cidades / regiões com vocação turística e com processos de reabilitação urbana em curso, visa avaliar e majorar as oportunidades que decorrem dessa articulação. Contribuirá ainda para concretizar o principal objectivo do trabalho que é encontrar exemplos de boas práticas ao nível da promoção turística e da prestação

²⁶ MILES, Malcom, et al – **Arte Pública e Cidadania - Novas Leituras da Cidade Criativa.** Caleidoscópio, 2010. Pág. 103-121

de serviços de apoio à actividade, bem como ao nível da constituição e actuação de entidades regionais de promoção do potencial turístico e funcional de uma região”.²⁷

No sentido de desenvolver meios comuns ao desenvolvimento turístico do Grande Porto, a AMP, em parceria com a SRU – Porto Vivo, levaram a cabo o estudo “O TURISMO ENQUANTO FACTOR DE SUSTENTABILIDADE NOS PROCESSOS DE REVITALIZAÇÃO URBANA”, onde se “visa analisar case-studies e estabelecer cooperações entre cidades / regiões que contribuam para o robustecimento da atividade turística na Grande Área Metropolitana do Porto (GAMP)”.²⁸

Este estudo foi realizado através de um Exercício de Benchmarking - "Processo contínuo e sistemático que permite a comparação das performances das organizações e respetivas funções ou processos face ao que é considerado "o melhor nível", visando não apenas a equiparação dos níveis de performance, mas também a sua ultrapassagem.”²⁹

Para Santo Tirso, a inserção numa estratégia comum de apoio ao fomento e criação de melhores estruturas de receção ao turista será uma vantagem; Pela sua proximidade com a cidade do Porto e pelas boas ligações existentes entre ambas as urbes, Santo Tirso poderá representar um complemento à oferta turística desta cidade, tirando “proveito” do grande fluxo turístico da capital do Norte.

Um dos objetivos da Câmara Municipal do Porto, através da sua Divisão de Turismo, é o prolongamento da estadia na cidade onde, na qualidade de *citybreak*, a média de duração da estadia é de 2.8/noites por visitante; se os turistas da cidade do Porto estenderem a sua visita ao Norte do País, poderão também prolongar o número de noites a permanecer na região, no sentido de visitarem as cidades mais próximas que apresentem fortes atrativos turísticos.

²⁷ Modelo de Dinamização e Promoção do Turismo para a Área Metropolitana do Porto. Associação de Municípios do Porto, 2008. Disponível em: [<http://amp.pt/>], Consult. 8 Jun. 2013

²⁸ Modelo de Dinamização e Promoção do Turismo para a Área Metropolitana do Porto. Associação de Municípios do Porto, 2008. Disponível em: [<http://amp.pt/>], Consult. 8 Jun. 2013

²⁹ O que é o Bench Marking. IAPMEI. Disponível em: [<http://www.iapmei.pt/iapmei-bmkartigo-01.php?temaid=2>], Consult. 3 Ago 2013

O Estudo supracitado, teve como referência o plano de turismo posto em marcha nas cidades de Barcelona e Dublin, através da análise dos seus **Pontos Fortes, Visão Estratégica e Boas Práticas**; “permitiu também avaliar a melhor forma de criar uma Entidade de Suporte à Atividade de Turismo na GAMP, como foi definido estrategicamente pela Junta Metropolitana, e encontrar o modelo mais eficiente para a sua atuação, quer em termos metodológicos, quer em termos da promoção do produto, quer em termos da sustentabilidade da função”.³⁰

Para cada um dos concelhos integrantes desta área metropolitana, procederam ao levantamento dos equipamentos culturais existentes, apresentando uma listagem geral e comum a toda esta área, que comunga entre si uma visão global e objetivos comuns a atingir.

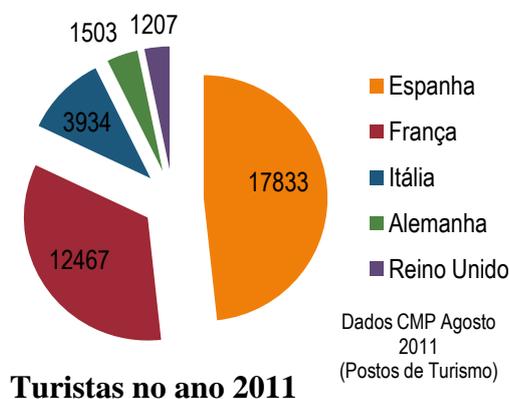
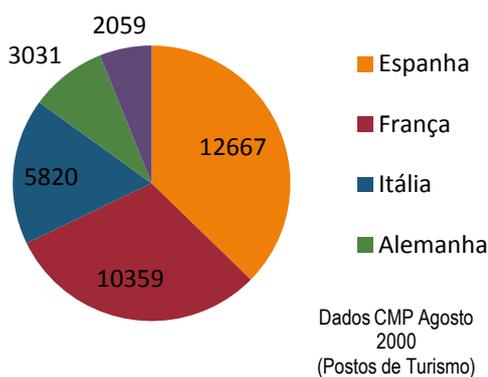
³⁰ Modelo de Dinamização e Promoção do Turismo para a Área Metropolitana do Porto. Associação de Municípios do Porto, 2008. Disponível em:[<http://amp.pt/>], Consult. 8 Jun. 2013

2.2.3) Evolução do Turismo – análise da procura na cidade do Porto e Norte de Portugal

“Num tempo marcado pela globalização percebemos, como consequência dos efeitos desta, que o Mundo pode ser visto como um lugar de características singulares. Cada espaço, cada sítio são valorizados pelas suas especificidades locais, pelas suas características únicas e por um conjunto de elementos que formam a sua identidade cultural. Em contexto urbano, principalmente nas cidades com centros históricos classificados pela UNESCO, o património conquistou interesse junto das dinâmicas turísticas e de lazer. Património e turismo promovem o desenvolvimento do lugar.” (Ramos, Catarina, 2010).

Por forma a analisar a procura, considera-se de grande relevância perceber quais serão os principais mercados emissores de turistas para a cidade do Porto e Norte de Portugal, os quais, potencialmente serão os visitantes de Santo Tirso. Assim e através de dados recolhidos no posto de turismo da câmara municipal do Porto entre os anos de 2000 e 2011, verifica-se que, por ordem decrescente e de acordo com os gráficos abaixo, quem mais nos visita são espanhóis, franceses, italianos, alemães e ingleses.

Turistas no ano 2000



No sentido de caracterizar e traçar o perfil dos visitantes/turistas do Porto e Norte de Portugal, também o Instituto de Planeamento e Desenvolvimento do Turismo (IPDT) em parceria com a Entidade Regional do Turismo do Porto e Norte de Portugal (ERTPNP) e o Aeroporto Sá Carneiro, têm realizado estudos trimestrais através da aplicação de inquéritos por entrevista pessoal na sala e espera deste aeroporto. Os dados, publicados no sítio de Turismo do Porto e Norte de Portugal com resultados disponíveis desde o ano de 2011, permitem definir o turista alvo desta cidade/região, assim como definir um mercado/segmento-alvo a atingir, imprescindíveis a uma boa estratégia de Comunicação.

O estudo mais recente refere-se ao 2.º trimestre de 2013, no qual se estabelece uma análise comparativa ao período homólogo do ano transato. É de salientar que este trimestre já se encontra em época alta.

Na análise presente no sítio do Turismo do Porto e Norte de Portugal, os turistas já se encontram divididos em dois grandes grupos – Lazer e Férias e Negócios e Trabalho.

Quando questionados face às principais motivações da visita, são referidos a beleza natural (31.1%), o preço (25.9%), a gastronomia (25.4%) e o Vale do Douro (22.8); o Património (16.1%) e a Cultura (11.9), não se revelam tão apelativos para a grande massa dos entrevistados.

Os principais mercados emissores de turistas para o Porto e Norte de Portugal são a França e a Espanha, com 53% de visitantes. No entanto, no grupo de turistas que se deslocam no sentido de visitar familiares e amigos é expressivo o número de pessoas que chegam da Suíça e Luxemburgo, países onde se encontram fortes comunidades de emigrantes portugueses. Este grupo é importante, já que ao nível do alojamento recorrem a casa de familiares e amigos, assim como nas deslocações, onde recorrem ao uso do carro de familiares e amigos também.

As deslocações do país de origem são realizadas maioritariamente em voos “*low cost*” (Ryanair-45.8%) nas viagens de lazer e em voos regulares (TAP-26.7%) nas viagens de Negócios/Trabalho.

Na pesquisa de informação acerca deste destino, o meio mais utilizado é a *internet*, sendo os sítios *on-line* os principais recursos também na organização e efetivação das reservas nas viagens de lazer.

A maior frequência de visitas encontra-se nas deslocações a trabalho/negócios e nas visitas a Familiares e Amigos, com números entre as duas a três visitas por ano.

Estes turistas encontram-se, maioritariamente, numa faixa etária entre os 19 e os 40 anos e viajam preferencialmente acompanhados (7 em cada 10), por familiares chegados quando em lazer e colegas de trabalho quando em negócios e dispõem de um nível académico superior. Não existe uma grande distinção de géneros entre aqueles que procuram este destino, sendo notada a presença de um maior número de homens no Turismo de Negócios e de uma maior número de mulheres no Turismo de Lazer.

Dado que, este estudo estabelece comparação direta com o mesmo período do ano de 2012, pode concluir-se que embora a cidade do Porto continue a ser detentora da maior percentagem de dormidas, é visível um aumento deste número em outros concelhos do Grande Porto (Gaia, Gondomar e Matosinhos), no que respeita ao Turismo de Negócios.

Quanto ao Turismo de Lazer/Férias, observa-se uma maior dispersão pelo Norte de Portugal, sendo Braga (42.4%), Guimarães (19.6) e Viana do Castelo (19.2%), os que apresentam um maior número de dormidas fora da área do Grande Porto.

Os hotéis representam ainda o meio de alojamento mais procurado, seguidos dos *hóstels* cuja procura tem vindo a crescer consideravelmente.

Para estes turistas, os principais meios de deslocação são o táxi, o automóvel (de familiares/amigos ou alugado) e o metro.

2.2.4) A oferta Cultural da cidade, os museus e a Arte Pública

A APOM (Associação Portuguesa de Museologia) apresenta a seguinte definição de museu: “O museu é uma instituição ao serviço da sociedade, que incorpora, inventaria, conserva, investiga, expõe e divulga bens representativos da natureza e do homem, com o objectivo de aumentar o saber, de salvaguardar e desenvolver o património e de educar, no verdadeiro sentido da criatividade e cultura”.³¹(Garcia,2003, p.21)

Desde o final do século XX, as sociedades têm vindo a pautar-se por acentuadas mudanças, aos mais diversos níveis, reflectidas ao nível científico, artístico e cultural, o que significa uma transformação dos museus, que são por si só, espaços de representação e apresentação cultural.

“Kenneth Hudson, numa carta enviada à revista *Museum International*, em Setembro de 1999, referia-se às principais mudanças que podemos esperar que ocorram no mundo dos museus durante os próximos vinte anos, destacando as seguintes (...):

1. Os museus, na sua forma tradicional, irão enfrentar cada vez maiores dificuldades financeiras e parte deles entrará em banca rota e fechará as portas.
2. Aos futuros directores será exigida uma forte preparação e experiência de gestão, obtida não necessariamente dentro do sector, e estes irão ser essencialmente *businessmen* e *businesswomen*.
3. A luta para manter um balanço criativo entre o museu centrado no objecto e o museu centrado no computador intensificar-se-á.
4. O dinheiro público para os museus tenderá a desaparecer e as parcerias públicas e privadas ao nível do financiamento e gestão serão inevitáveis.”³²

Estas considerações levam-nos a constatar que os próprios museus terão de reinventar-se, de forma a ir de encontro às tendências das sociedades atuais, onde o financiamento público se encontra asfiziado pela crise financeira, e a subsistência e existência dos museus estará à mercê da sua boa gestão financeira, criatividade e constante atualização. Os balanços realizados evocam o papel dos museus na

³¹ GARCIA, Nuno Guina - **O museu entre a cultura e o mercado: um equilíbrio instável**. Coimbra: Instituto Politécnico, 2003. Pág.21

³² GARCIA, Nuno Guina - **O museu entre a cultura e o mercado: um equilíbrio instável**. Coimbra: Instituto Politécnico, 2003. Pág.11

regeneração de comunidades, sobretudo porque evocam o princípio de que a produção de riqueza, coesão social e qualidade de vida dependem de cidadãos imaginativos³³

“Entre as décadas de 1920 e 1990, os museus de arte funcionaram como demonstrações da arquitetura e *design* contemporâneo. Deixaram de ser instituições austeras dedicadas apenas à erudição e conservação e transformaram-se em locais espectaculares para os indivíduos com ambições culturais, os turistas e as classes privilegiadas.”³⁴ Ou seja, o edifício, mais do que o conteúdo tornaram-se a atração do público

Curiosamente, as atrações turísticas do foro cultural, parecem não variar muito de país para país, sendo que os turistas tendem a eleger sempre o mesmo tipo de atividades, independentemente do destino onde se encontrem. Os Museus surgem no topo das escolhas, seguidos das galerias de arte e monumentos em geral, confluindo em si a ligação entre a cultura e a economia.

Reconhecem alguns, que os Museus são criados, na sua maioria, por Instituições ou amantes da arte, para quem conceitos de Marketing ou de Mercado turístico estão longe de ser uma prioridade. “Museums may welcome and want visitors, but they also have other objectives such as looking after the heritage for future generations, providing a teaching resource and perhaps also acting as a research organization”.³⁵

No entanto, a fim de garantir a sua sustentabilidade, os museus terão que, cada vez mais, ter em conta que deverão atrair visitantes e que para tal, num mercado de oferta crescente e sofisticada, há que desenvolver estratégias de captação do cliente que neste caso, é o turista.

As entidades promotoras de projetos culturais, nomeadamente museus, ao identificarem o seu público-alvo, poderão, a partir daí, ser mais assertivas na sua comunicação, utilizando a indústria do Turismo como forma de comunicação com o mesmo.

³³ SEMEDO, Alice – Ainda a propósito do papel dos Museus, in A Cultura em Acção. Impactos sociais e território, org. Alice Semedo at alii, Porto. Afrontamento, p.121-129

³⁴ KEMP, Martin - **História da Arte no Ocidente**. Verbo, 2006.Pág. 520

³⁵ RUNYARD, Sue; FRENCH, Ylva - **Marketing & Public Relations Handbook, for Museums, Galleries & Heritage Attractions**. Londres: Walnut Creek, 1999. Pág. xiii

Sendo que os Museus não competem, por princípio, entre si e que a visita a um museu poderá, inclusivamente, motivar uma visita a um outro Museu, faz sentido que exista um elo de ligação entre os mesmos e uma ação conjunta para a captação de público numa determinada região.

No caso dos mercados turísticos, estão também envolvidos os vários agentes do “processo turístico” sem os quais o mesmo não se torna completo. Trata-se aqui da Hotelaria, Restauração e Meios Complementares da oferta Turística, tais como os Serviços de Animação e os Transportes.

Sendo o Turismo uma parte integrante da economia global os próprios países, enquanto destinos turísticos, conseguem através da comunicação social – jornais, revistas, anúncios televisivos, entre outros, transmitir a imagem da oferta pela qual desejam ser conhecidos e/ou reconhecidos, noutros países que poderão constituir a sua procura.

2.2.4.1) Desenho de uma Estratégia de Marketing para um museu³⁶

Quando uma equipa de trabalho pretende delinear/implementar uma estratégia para o sucesso de um projeto, deverá ter em conta aspetos fundamentais para a sua realização, no sentido de que a mesma seja eficaz e atinja os objetivos propostos. Para tal, deverão seguir-se alguns passos, tais como:

- Reunir toda a informação;
- Descrever o produto/serviço. Definir principais características de atração;
- Descrever a envolvente. Oportunidades e Ameaças (SWOT);
- Definir o mercado alvo;
- Segmentar o mercado;
- “Brainstorm” na equipa;
- Desenvolver o “marketing mix”, desenvolvendo um plano de intervenção por forma a alcançar cada segmento do mercado utilizando as ferramentas corretas;
- Confirmar o orçamento (*Check against budget*);
- Rever;
- Desenhar um plano de custos e *Costed time-pointed plan*;
- Obter aprovação e comunicar à equipa.

Estas medidas permitem uma melhor organização do trabalho, no sentido de comunicar corretamente para os mercados-alvo a atingir, gerindo o investimento face ao capital disponibilizado para o efeito, tornando a gestão de espaço sustentável e responsável.

³⁶ RUNYARD, Sue; FRENCH, Ylva - **Marketing & Public Relations Handbook, for Museums, Galleries & Heritage Attractions**. Londres: Walnut Creek, 1999. Pág. xiii

2.2.5) A Oferta Turística e Cultural em Santo Tirso – Elementos de Atratividade

Quando se classifica determinada cidade ou localidade como atrativa, referem-se não só as características físicas que esta tem, como também os eventos que organiza no sentido de atrair cidadãos, visitantes, novos moradores, negócio e investidores. Se as localidades se classificam quanto à atratividade, podem distinguir-se pelo facto de concentrarem sobre si mesmas, nenhuma, apenas uma, poucas ou muitas atrações.

Grande parte das pequenas cidades incluem-se no primeiro grupo acima mencionado e em nada diferem umas das outras. Todas possuem características semelhantes, tais como: uma rua central de compras, algumas igrejas, quartéis de bombeiros, escolas e casas. À medida que vão evoluindo, estas cidades caminham, paralelamente, para a perda de identidade, não tendo elementos de diferenciação em relação àquelas que lhes oferecem concorrência.

Alguns destes locais, ainda que não possuam atratividades turísticas, reúnem condições propícias e convidativas à prática de negócios. Outros, possuem algumas atrações turísticas, mas no entanto não são capazes de cativar o turista por mais de um ou dois dias.

Muitas vezes, a criação de elementos de atratividade também não conduz ao objetivo desejado; “A cidade de Wichita Falls, no Texas, ao perder as suas cataratas numa enchente de 1890, as substituiu quase cem anos depois para estimular o turismo. As cataratas artificiais reacenderam o orgulho da cidade e deram aos moradores um local para levar os seus amigos e visitantes, porém a onda de turismo ainda está por acontecer.”³⁷

A atratividade é assim uma condicionante importante para os autóctones de determinada cidade/localidade, pois é através de pontos de interesse relevantes que referenciam e se orgulham do local onde vivem, perante quem os visita.

Por vezes, a atratividade é reforçada através de eventos desportivos, promoção de festivais, hotelaria e restauração, sendo esta última na zona Norte de Portugal e

³⁷ KOTLER, Philip; HAIDER, Donald H.; REIN - Irving: **Marketing Público**. São Paulo: Makron Books, 1994. Pág. 131

também na cidade/concelho de Santo Tirso, um forte apelativo. A Feira das Tasquinhas realizada em Santo Tirso, anualmente, na primavera, é um dos eventos que mais visitantes atrai, quer de dentro, quer de fora do concelho.

Entre as várias características que podem determinar a atratividade de determinado local, podem distinguir-se:

- *O Património Natural e Paisagístico*, do qual é exemplo o Parque Nacional da Peneda – Gerês;
- *A História e Personagens Famosos* – cidades que serviram de palco a acontecimentos que marcaram a história de um local ou país – “ Em Memphis, onde Elvis Presley gravou as suas primeiras canções, os turistas visitam a sua casa Graceland”,³⁸
- *Os Centros de Compras*;
- *As Atrações Culturais*, tais como museus, espetáculos culturais de música, ballet ou teatro, bibliotecas e outras manifestações culturais, até mesmo étnicas como as festas regionais;
- *A Animação Entretenimento*, onde se enquadram áreas recreativas e de lazer como cafés, bares, discotecas, parques de diversão, clubes, centros desportivos e jardins zoológicos;
- *Os Eventos* – na cidade de Santo Tirso realiza-se anualmente o Festival Internacional de Guitarra, agregando guitarristas de todo o mundo e pelo que se torna muito conhecido;
- *O Património Histórico, Cultural e Religioso*;
- *Outras Atrações* – aqui, englobam-se uma atividade ou atração nova. “Ocean City, em Maryland, atrai turistas para as suas praias todos os anos, contratando seis escultores de areia profissionais para fazer uma réplica do Camelot do Rei Artur”,³⁹
- *Hospitalidade e Segurança*;

Em suma, conclui-se que poucos serão os locais detentores de todos os requisitos ditos necessários a uma boa afluência turística – infra estruturas de qualidade, bons

³⁸ KOTLER, Philip; HAIDER, Donald H.; REIN - Irving: **Marketing Público**. São Paulo: Makron Books, 1994 Pág. 132

³⁹ KOTLER, Philip; HAIDER, Donald H.; REIN - Irving: **Marketing Público**. São Paulo: Makron Books, 1994 Pág. 143

serviços e atrações. Usualmente, as cidades têm umas coisas ou outras; podem ter inúmeras atrações e um baixo rendimento económico com um índice de criminalidade elevado, como é o caso da cidade do Rio de Janeiro.

Em Santo Tirso, existem vários elementos que podem ser referenciados como motivadores à visita turística, dos quais podem destacar-se:

- O Castro do Monte Padrão “é uma das principais referências culturais e patrimoniais da comunidade tirsense. A sua presença, de grande destaque na paisagem, imprime uma marca indelével no território aliada à carga histórica e simbólica que possui”;
 - Museu Municipal Abade Pedrosa;
 - Museu Internacional de Escultura ao Ar Livre;
 - Festival Internacional de Guitarra de Santo Tirso;
 - Centro Cultural de Vila das Aves;
 - Igreja do Convento de Roriz, classificada como monumento nacional em 1910;
 - Mosteiro de S. Bento, também classificado em 1910 como monumento nacional.
- A Câmara Municipal comunicou a intenção de candidatar, até final de Setembro de 2013, o Mosteiro de Santo Tirso a Património Mundial da Humanidade.⁴⁰

41

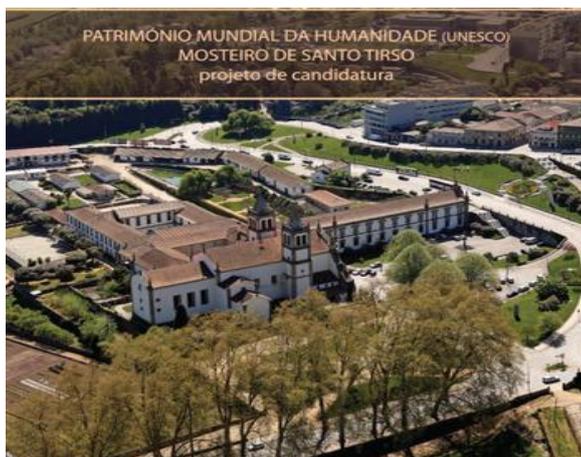


Imagem 1 – CMST (2013)

⁴⁰ Câmara Municipal Vai Candidatar o Mosteiro de Santo Tirso a Património Mundial [Em linha]. Santo Tirso: Câmara Municipal de Santo Tirso, [Consult. 16 Mai 2013]. Disponível em: [http://www.cm-stirso.pt/pages/7?news_id=122]

⁴¹ Neste último caso, a aceitação desta candidatura, “Santo Tirso terá um monumento que poderá ser incluído em roteiros turísticos importantes para a economia do Norte de Portugal”, dada a proximidade com o Douro Vinhateiro e com os centros históricos de Guimarães e Porto, também estes considerados Património Mundial pela UNESCO [http://www.cm-stirso.pt/pages/7?news_id=122]. Consult.Set. 2013

- Nave Cultural da Fábrica de Santo Thyroso;
- Percursos Pedonais;
- A sede do MIEC (Museu Internacional de Escultura Contemporânea) que inclui um centro interpretativo a localizar junto ao Museu Municipal Abade Pedrosa e cujo projeto de arquitetura é da autoria dos dois Pritzker's portugueses Álvaro Siza e Eduardo Souto Moura.

Ao ser construído, este centro interpretativo poderá ser um ponto de atração, dada a referência mundial dos arquitetos responsáveis pelo projeto. Encontra-se disponível, no sítio da Câmara Municipal de Santo Tirso, uma entrevista realizada aos dois arquitetos acima citados aquando da apresentação do futuro centro interpretativo em cerimónia oficial no Salão Nobre desta Edilidade, onde é referida a importância desta obra para a cidade no geral e para o MIEC em particular.

III PARTE

3) Museu Internacional de Escultura Contemporânea ao Ar Livre de Santo Tirso – entre a tradição e a inovação

Confirmando-se, como se escreveu atrás, a existência de múltiplos factores de atratividade, o que está em causa, nestes segunda parte é perceber como um museu, como ato comunicativo se transfere para o espaço fora de portas. Sublinhe-se que ele continuará a ter que assumir o conceito de signo dinâmico-relacional. Ou seja, uma lógica de linguagem, de pensamento, bio-lógica (ou lógica da vida) e sócio-lógica. Ou seja, as relações entre percepção e significação⁴². Ou seja, sem que se justifique uma conceptualização teórica, situamo-nos no quadro de uma evolução de conceitos, do novo paradigma de comunicação.

Por outro lado, discute-se, empiricamente, em que medida poderá promover a regeneração urbana⁴³ e tornar-se um fator de sedução e lazer ao serviço do turismo.⁴⁴

3.1) Santo Tirso – enquadramento espaço temporal

Santo Tirso, primeiro enquanto vila, mais tarde enquanto cidade, cresceu e desenvolveu-se em volta do mosteiro beneditino aí implantado de forma estratégica na margem esquerda do rio Ave.

Santo Tirso, que adotou o rio como se de uma dádiva se tratasse, retirou deste posicionamento todas as vantagens. Primeiro foram os monges beneditinos, que criaram o couto em torno da sua margem esquerda, fazendo proveito das suas águas para irrigar os campos, permitindo que as suas terras agrícolas beneficiassem de uma forte fertilidade, associada à presença da água e exposição solar tão favorável.

Mais tarde, foi a população em geral, tendo as gentes desta terra fixado residência o mais próximo possível do rio, do qual desfrutavam sobretudo em momentos de lazer.

⁴² MOURÃO, José Augusto – O Museu como Acto Comunicativo: produção e Interpretação. In Museus, Públicos e Literacia, Coord Pedro de Andrade, Lisboa, Colibri, 2010, p.59-79

⁴³ MILES, Malcom, et al – **Arte Pública e Cidadania - Novas Leituras da Cidade Criativa**. Caleidoscópio, 2010. Pág. 83-102

⁴⁴ MILES, Malcom, et al – **Arte Pública e Cidadania - Novas Leituras da Cidade Criativa**. Caleidoscópio, 2010. Pág. 139-152

O Mosteiro Beneditino, fundado em 978, tornou-se um local de culto e devoção e ainda hoje mantém uma enorme importância, do ponto de vista simbólico, patrimonial, religioso e cultural, para a cidade.



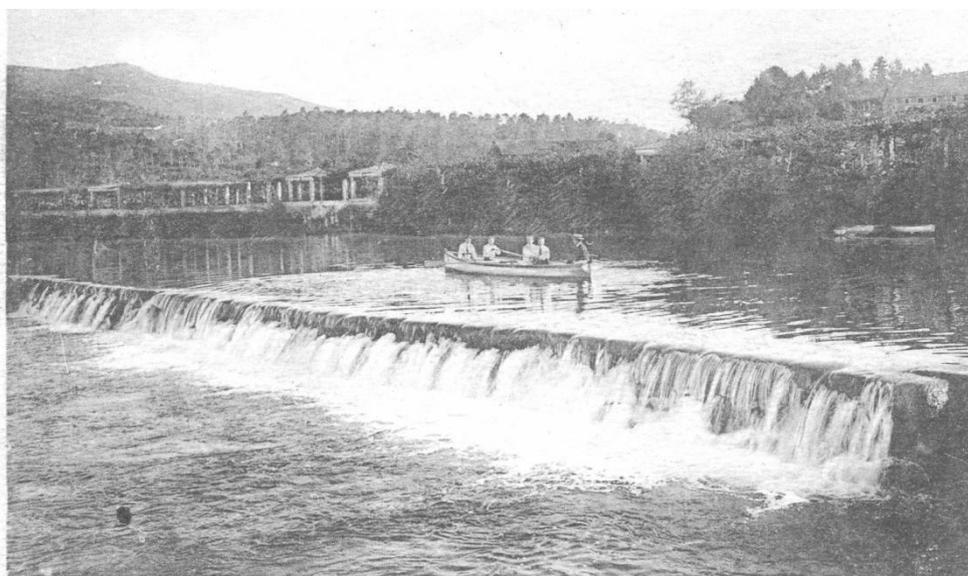
Imagem 2 - Mosteiro de S. Bento (Imagem do arquivo da CMST, 2010)

O Mosteiro e a sua comunidade foram as raízes de um desenvolvimento agrícola intenso na quinta que ainda hoje persiste no local e que faz parte da memória coletiva da população da cidade e do concelho. A atual presença da Escola Profissional Agrícola do Conde de S. Bento, localizada no espaço da Quinta que é propriedade da Santa Casa da Misericórdia de Santo Tirso e parte integrante do Mosteiro beneditino de São Bento, entretanto extinto, constitui não apenas um testemunho vivo dessa memória e da ligação “umbilical” da cidade com o rio de Ave, mas também, um ativo específico da cidade em termos de ensino, formação, educação e fruição ambiental e em termos culturais.



Imagem 3 - Terrenos da Escola Agrícola de Santo Tirso (Imagem do arquivo da CMST, 2011)

Os frades beneditinos, para além de contribuírem ativamente para o desenvolvimento da economia local, aproveitaram do melhor modo todos os benefícios da sua proximidade com o rio. Favoreceram e estimularam a utilização das suas margens em termos de lazer, tornando esta zona marginal frequentada e admirada pela sua beleza natural, boa exposição solar e carácter tranquilizador das suas águas. Ainda hoje são visíveis os testemunhos físicos da importância que este rio acarretou. Na margem junto ao mosteiro, existem ainda e em bom estado de conservação, os marachões por onde os monges beneditinos contemplavam as águas límpidas do Ave, num murmúrio que tornava perfeito o cenário de espiritualidade. O rio serviu como fonte de inspiração para poetas, pintores e fotógrafos e foram muitos os que escreveram sobre o rio e as suas margens.



SANTO TIRSO. - Marachões do Ave

Imagem 4

Marachões do Ave (Primeira metade do séc. XX). Disponível em: [\[https://www.facebook.com/santotirsocomhistoria/photos_stream\]](https://www.facebook.com/santotirsocomhistoria/photos_stream), Consult. Jul 2013

Terá sido neste contexto que se formou o aglomerado urbano que deu origem à atual cidade de Santo Tirso, constituindo o rio Ave um elemento de atração indispensável para a fixação de pessoas, para o fomento de atividades económicas e para a realização de atividades de fruição e contemplação do local.

Desde a sua inegável antiguidade, o concelho de Santo Tirso, que foi formado no ano de 1834, tem vindo a evoluir ao longo dos tempos, mas foi durante as décadas de 70 e 80 que viu chegar o seu apogeu, com o forte desenvolvimento industrial do vale do Ave e, conseqüentemente, deste concelho.

A chegada do caminho-de-ferro à cidade dá-se pela década de 30 do século XIX (em 1883 é a viagem inaugural da Linha ferroviária de Guimarães) pelo que foi construída uma nova infraestrutura - a ponte metálica que atravessa o rio Ave. Através desta infraestrutura o rio Ave adquiriu uma nova função, associada ao progresso económico e social despoletada pelo desenvolvimento deste novo meio de transporte.

Apesar de a nova ponte ter constituído uma rutura, o rio Ave manteve-se durante todo o século XIX como um importante destino de lazer e sociabilidade, oferecendo, inclusivamente, uma praia fluvial junto à ponte, que constituiu durante todo esse período um espaço de encontro qualificado, atraindo, para além da população tirsense, outros visitantes provenientes de outras cidades da região; sobretudo no Verão, conforme demonstram imagens e textos da época, com descrições, designadamente, dos banhos das pessoas no rio Ave. O rio serviu também, nessa época, bem junto da atual ponte e do açude, para provas de desporto, como a canoagem.⁴⁵



Imagem 5 - Canoagem no rio Ave (primeira metade do séc. XX). Disponível em https://www.facebook.com/santotirsocomhistoria/photos_stream], Consult. Jul 2013

O rio Ave, se integra-se hoje no perímetro urbano da cidade, assumindo potencialidades para ser uma das áreas nobres de Santo Tirso.

⁴⁵ Adaptação de textos não publicados, existentes na Câmara Municipal de Santo Tirso, 2013

Contudo, este rio passou, durante um significativo período da evolução económica da cidade, por um processo de depreciação, poluição e degradação ambiental resultante de uma intensa atividade industrial, principalmente do sector têxtil e algumas empresas de calçado localizadas nas suas margens, e que utilizaram o rio preferencialmente como fonte de abastecimento de água e destino de efluentes não tratados e fortemente poluidores.

A frente ribeirinha da cidade, seja numa ou na outra margem, outrora espaço nobre da cidade frequentado e apreciado pela população e visitantes devido à sua beleza natural e à sua dimensão lúdica e recreativa, foi remetida ao abandono durante o longo período de expansão das indústrias instaladas, com perda de grande parte das suas capacidade de atração e dos seus ativos ambientais. As indústrias implantadas utilizaram, durante um período longo, este recurso ambiental em condições insustentáveis, quer para o próprio recurso, quer para a cidade, dado que a relação entre a cidade e o rio se demonstrou fortemente negativa. As imagens das lavadeiras com azenhas como pano de fundo nas margens límpidas do Ave deram lugar a fábricas instaladas à beira de um rio com águas desbotadas por tintos industriais.

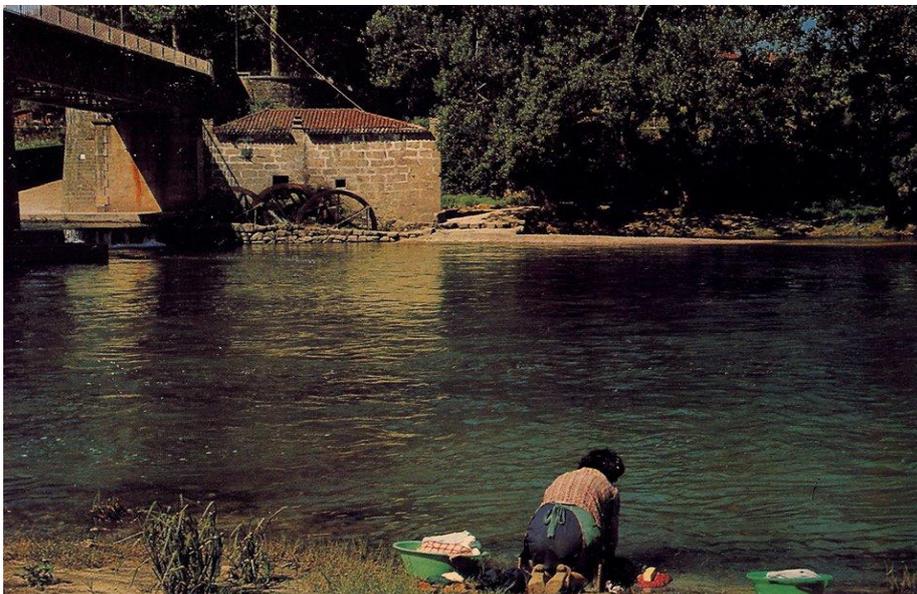


Imagem 6 - Lavadeira no rio Ave (data indefinida) Disponível em: [\[https://www.facebook.com/santotirsocomhistoria/photos_stream\]](https://www.facebook.com/santotirsocomhistoria/photos_stream), Consult. Jul 2013

O início da inversão do processo de abandono deste recurso natural e do divórcio da cidade (população) com o seu rio é recente (década de 80 do século anterior) e abrange uma dimensão que está fundamentalmente associada à criação do Sistema Integrado de Despoluição do Ave. Desta forma, implantaram-se ao longo da zona do médio Ave, um conjunto de infraestruturas de drenagem e tratamento de águas, abrindo um novo ciclo da vida deste rio e uma nova oportunidade da inserção urbana do mesmo.

Mais recentemente, no início deste século, na margem norte, as obras de reconversão e alargamento da linha ferroviária de Guimarães vieram contribuir para aumentar a atratividade local, garantindo uma significativa melhoria do nível de serviço do sistema ferroviário e favorecendo as ligações de âmbito regional. A nova ponte rodoviária e o nó rodoviário junto à estação ferroviária, vieram introduzir novas ligações das duas margens ao rio.

O rio Ave ponderou decisivamente na vida e na atividade da população de Santo Tirso, população essa que renasceu para o rio numa relação de cumplicidade que, hoje com a fruição ambiental, a pesca ou outras atividades de lazer, certamente marcará um futuro de afirmação na cidade, não apenas na qualificação da vida urbana, mas no reforço da sua competitividade, nomeadamente, atraindo para as margens do Ave funções inovadoras e qualificantes do tecido social e económico local.⁴⁶

⁴⁶ Adaptação de textos não publicados, existentes na Câmara Municipal de Santo Tirso, 2013

3.2) Santo Tirso, Zona de Turismo – passado e presente

Até meados do século XX, Santo Tirso foi considerada, já de forma propagandística, como uma região detentora de uma beleza paisagística invejável. As suas condições para receber o turista, assim como a oferta existente mudaram, certamente e em grande escala, até aos dias de hoje.

Dizia-se de Santo Tirso, “Terá sido aqui, a residência paradisíaca do primeiro homem e da primeira mulher?”⁴⁷ O Património Natural e Paisagístico era um forte atrativo, onde o luxo das verduras exuberantes, o ar puro, a água cristalina dos riachos, o clima ameno e as margens do Ave, decoravam paisagens encantadoras. Era também sugerido ao turista que desfrutasse da bela vista do Monte da Assunção e da sua romaria anual, à qual se deslocavam multidões de crentes.

Os Mosteiros de Roriz e Vilarinho, **situados nas freguesias de Roriz e Vilarinho**, a par com o Mosteiro de S. Bento, classificados como Monumentos Nacionais pelo seu valor artístico e histórico, completavam a oferta cultural da cidade, onde se encontrava no parque Conde S. Bento, uma Casa de Chá e Dancing onde se realizavam festas e chás dançantes.



Imagem 7 - Igreja de Roriz. Disponível em: [\[https://www.facebook.com/santotirsocomhistoria/photos_stream\]](https://www.facebook.com/santotirsocomhistoria/photos_stream), Consult. Jul 2013

⁴⁷ MACHADO, Carlos Sousa - Santo Tirso, Zona de Turismo - 1947, pág. 18

Outro ponto de visita seria na freguesia de Monte Córdova o lugar da Ponte Velha, onde desce pela encosta o rio Sanguinhedo, local escolhido pelo realizador Leitão Barros, para filmar a cena das lavadeiras no seu filme “As Pupilas do Senhor Reitor”.⁴⁸

Santo Tirso, era uma terra vocacionada para o progresso e para o trabalho e como vila fidalga acompanhava as artes, promovia a indústria, o urbanismo, o comércio e o desporto. O seu hotel estilo *palace* (lamentavelmente demolido), de nome Cidnai, entre outros hotéis e restaurantes, completavam a oferta turística deste concelho.⁴⁹

Imagem 8 - Hotel Cidnai (primeira metade do séc. XX). Disponível em: [https://www.facebook.com/santotirsocomhistoria/photos_stream], Consult. Jul 2013



Fazia ainda parte da oferta local um teatro, um cinema sonoro, uma Comissão de Turismo e um cuidado e asseio com as ruas e os jardins da cidade que persiste até aos dias de hoje.

⁴⁸MACHADO, Carlos Sousa - Santo Tirso, Zona de Turismo. 1947, pág. 20

⁴⁹ Idem, *Ibidem*, pág. 21

Atualmente, a oferta turística tirsense continua marcada pela forte envolvente natural e pelo rio Ave, entretanto “devolvido” à população pelas fortes e sucessivas investidas na sua recuperação.

Após o esforço em recuperar as margens do Ave no sentido de trazer de novo para o rio as atividades náuticas aí praticadas outrora, (tal como a pesca desportiva), é já possível aqui observar o início de algum movimento fluvial, que bem estruturado, poderá representar um novo ciclo de vida neste domínio.



Imagem 9 - Burgães - Parque Urbano da Rabada (2012). Disponível em: [\[https://www.facebook.com/santotirsocomhistoria/photos_stream\]](https://www.facebook.com/santotirsocomhistoria/photos_stream), Consult. Jul 2013

Em Santo Tirso, a convivência serena entre o passado e o presente demarca-se pelo seu edificado histórico, onde construções milenares revelam esculturas contemporâneas nas suas áreas envolventes, formando um cenário de atração no que respeita ao Turismo Cultural.

A gastronomia, de receitas minhotas, destaca-se pelos famosos jesuítas, doce típico da cidade de Santo Tirso.

3.3) PRU – Programa de Regeneração Urbana de Santo Tirso

O PRU – Programa de Regeneração Urbana de Santo Tirso (2008), resulta de uma parceria entre a Câmara Municipal, a Direção Regional da Educação do Norte - Escola Profissional Agrícola Conde S. Bento, o Café do Rio, a Fundação Santo Thyrso e a Associação Recreativa da Torre, que têm como objetivo comum entre si – transformar a zona ribeirinha da cidade.

A posição geográfica de Santo Tirso e as suas características territoriais contribuem para a sua afirmação como elo ou plataforma de articulação entre a região do Cavado e a Aglomeração do Porto.

A cidade de Santo Tirso constitui o centro urbano sede de concelho e o mais importante em termos de população residente, de funções urbanas e de dinâmicas de atratividade, seguido do centro urbano de Vila das Aves.

A área de intervenção objeto da proposta do Programa de Ação da Parceria para a Regeneração Urbana de Santo Tirso (PRU Margens do Ave na cidade de Santo Tirso) abrange as duas faixas marginais do rio Ave, dentro do perímetro urbano da cidade de Santo Tirso.

Trata-se de uma área de enorme sentido patrimonial e simbólico e de significado urbanístico muito relevante, de tal modo que, em determinada fração, assume a valia de núcleo histórico da cidade. A génese da cidade de Santo Tirso encontra-se intrinsecamente ligada ao rio Ave; inicialmente, devido ao assentamento do Mosteiro de São Bento numa das suas margens, e posteriormente, dada a localização de atividades industriais importantes (com destaque para a Fábrica do Teles) que procuraram beneficiar da presença do caminho-de-ferro (estabelecido em 1883) e do próprio rio. A forte influência destes fatores no processo de urbanização vem a formatar a malha urbana mais consolidada da cidade.

No planeamento da recuperação de ambas as margens do rio Ave, através do PRU (Parceria para a Regeneração Urbana das Margens do Rio Ave), a autarquia propôs-se colocar em marcha, em 2008, a estratégia já lançada anteriormente pelo PUMA, (Plano de Urbanização das Margens do Ave), no ano de 2003, para a “requalificação da faixa ribeirinha e de um conjunto de estruturas e equipamentos

coletivos para a cidade. É neste âmbito que surge um novo projeto para a reabilitação de uma outra parte das instalações da antiga Fábrica de Santo Thyrso, que inclui a criação de uma Nave Cultural e Industrial, destinada à realização de ações e eventos de natureza artística, cultural e promocional /económica, e de um pequeno Centro Interpretativo do sítio / Fábrica, para além do arranjo de parte da frente ribeirinha com vista à instalação de pequenas estruturas comerciais e recreativas”.Com este nova proposta de recuperação para a Fábrica de Santo Thyrso, a autarquia sublinha a sua intenção de dar nova vida a este património de elevado valor histórico e simbólico local, lançando novos desafios de vivência cultural e criando novos espaços de lazer para a população, quer de dentro, quer de fora do concelho.”⁵⁰



Imagem 10 - Fábrica de Santo Thyrso - Fonte: do arquivo da CMST, 2011

Na Nave Cultural e Industrial existe agora um espaço onde são atividades como Concertos/Festivais, Teatro/Dança/Performances, Exposições e Instalações, Feira/Parque de Exposições, Eventos Sociais e Eventos Técnico/científicos (conferências, seminários e workshops).

Paralelamente ao projeto de reabilitação desta fábrica surgem também:

- Passeio das margens do Ave - “Um agradável passeio pedonal e com ciclovia, que liga o Parque Urbano da Rabada ao coração da cidade. As margens do Rio Ave foram requalificadas ao longo de 1,4 km – extensão do percurso através do qual é

⁵⁰ Catálogo do Seminário Internacional - Quarteirões Culturais, Experiências e Desafios no Quadro da Política Urbana, Câmara Municipal de Santo Tirso. Outubro 2012

possível passear, correr ou andar de bicicleta, tendo como pano de fundo a agradável paisagem de Santo Tirso. Este percurso permite dar continuidade futura, na cidade, a uma rede de percursos que vão criar uma alternativa estruturada e com escala suficiente face ao modelo de mobilidade motorizada adotado pela grande maioria da população.”⁵¹



Imagem 1- Parque Urbano da Rabada,

[Em linha]. [Consult. Jun 2013] Disponível em: <http://www.cm-stirso.pt/pages/114>

Parque Urbano da Rabada

O Parque é um espaço verde, de lazer, onde se encontram também implementadas diversas esculturas do Museu de Escultura ao Ar Livre. Este parque, já se encontra ligado à cidade pelo percurso pedonal acima referido.



Imagem 12- Parque Urbano da

Rabada. Disponível em: [\[http://www.cm-stirso.pt/pages/114\]](http://www.cm-stirso.pt/pages/114), Consult. Jun 2013

⁵¹ Sítio da Câmara Municipal de Santo Tirso – [\[http://www.cm-stirso.pt/pages/114\]](http://www.cm-stirso.pt/pages/114), Consult. Junho 2013

Escola Agrícola

Centro de Educação Ambiental

“No coração da cidade, vai nascer um importante conjunto de equipamentos para todo o concelho: o sequeiro da Escola Profissional Agrícola Conde S. Bento vai ser adaptado a auditório, área expositiva e Centro de Interpretação Ambiental. A criação deste Centro visa reforçar a informação e a comunicação dos valores ambientais, no seio da escola, e sensibilizar os visitantes (desde escolas a lares de terceira idade) para as prementes questões ambientais, através da realização de ações de educação e sensibilização ambiental. Vai ser criado um laboratório de análise de água, um laboratório de observação microscópica e uma pequena biblioteca/mediateca temática no espaço do Centro de Interpretação Ambiental. O auditório destina-se à realização de conferências, atividades de formação, ações de intercâmbio pedagógico e será aberto à comunidade local.

Escola Profissional de Hotelaria

Junto ao antigo celeiro da Escola Profissional Agrícola vai nascer uma escola/restaurante e uma pequena área para escola/hotel que para além de permitir a valorização e a passagem ao nível III dos cursos ministrados, possibilitará um aumento considerável da oferta formativa da escola em áreas de crucial importância para a região, como é a restauração e a hotelaria, e será ainda uma mais-valia na prestação de serviços à comunidade. No mesmo espaço será instalado um agradável restaurante com vista para o Rio Ave.

Passeio dos Frades

Inserido no Mosteiro e Quinta de São Bento, imóvel Monumento Nacional e que se encontra associado à génese da cidade de Santo Tirso, foi alvo de uma intervenção de recuperação, fundamental para assegurar a conservação destes bens imóveis e que, simultaneamente, tornou acessível à população este belíssimo percurso ribeirinho, contribuindo assim para um dos grandes objetivos desta estratégia de regeneração urbana que é a reaproximação da cidade de Santo Tirso do Rio Ave, tornando-o um espaço de lazer.”⁵²

⁵²[Em linha]. Santo Tirso: Câmara Municipal de Santo Tirso, [Consult. 16 Mai2013]. Disponível em: <http://www.cmstirso.pt>

3.4) Criação do Museu Internacional de Escultura ao Ar Livre em Santo Tirso (MIEC_ST) e Alberto Carneiro

O circuito atrás indicado não foi em vão, porque se articula com o que de seguida se define, como se verá. O Museu Internacional de Escultura ao Ar Livre em Santo Tirso, nasce em 1990, de uma proposta do escultor António Carneiro ao então Presidente da Câmara Municipal Dr. Joaquim Couto, para a constituição de “um Museu de Escultura Contemporânea aberto nos espaços públicos da cidade, através da realização de dez simpósios bienais com a participação de escultores portugueses e estrangeiros com obra confirmada e consequente nos caminhos da escultura contemporânea (...)”⁵³

“Para enriquecer a qualidade de vida e para que se criasse um património original, os dois homens não desejavam levar a cabo apenas mais uma exposição, sem outro horizonte que o dos limites da sua prestação, mas deixar antes um testemunho do espírito do tempo, através da implantação de esculturas realizadas no próprio lugar, em contacto com a população, durante duas décadas, à razão de uma manifestação cada dois anos.”⁵⁴

Em 1996, foi aprovada pela Câmara Municipal a criação deste Museu enquanto instituição, com a função de realizar simpósios de escultura bienais, assim como proceder à manutenção e conservação das obras implementadas.

As Esculturas, colocadas em locais (espaços verdes) estrategicamente determinados, estabelecem uma relação de harmonia com a envolvente paisagística, que se inicia nos materiais utilizados. Os Simpósios são, uma fonte de produção para o próprio Museu, (note-se o significado de SIMPÓSIO – ideia de encontro em torno de um tema específico, implicando a noção de participação coletiva num objetivo comum), que continuará a crescer pelos espaços públicos de Santo Tirso, até ser finalizado.

Este Museu, foi inicialmente projetado para ser completado ao fim de 20 anos com um total de 50 esculturas.

⁵³ CARNEIRO, Alberto, *Catálogo do 7º Simpósio de Escultura de Santo Tirso*. Santo Tirso: Câmara Municipal de Santo Tirso, 2004, pág. 8

⁵⁴ XURIGUERA, Gérard, *Catálogo 2.º Simpósio de Escultura de Santo Tirso*. Santo Tirso: Câmara Municipal de Santo Tirso, 1993, pag. 8

Em 1997, o Museu é inaugurado pelo Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio, tendo como comissário artístico nacional o Prof. Alberto Carneiro e comissário artístico internacional o catalão Gérard Xuriguera, professor e crítico de arte.⁵⁵

Decorria o ano de 1991 quando, através da celebração do 1.º Simpósio, foram implementadas na cidade cinco obras de escultura contemporânea, as primeiras de um total de 50, que viriam a complementar e completar este espólio ao longo de vinte anos, com peças elaboradas a partir dos mais diversos materiais como o granito, o betão, a madeira, o aço, o mármore ou o ferro.

Pelo seu conceito inovador, este museu é único na região, sendo um espaço de acesso livre, isento de portas, janelas ou até mesmo bilheteira. Nasce na cidade e para a cidade, revelando-se nos “ (...) espaços públicos de convivência e cidadania”,⁵⁶ tendo como limite o perímetro urbano de Santo Tirso

Tal como outras manifestações artísticas contemporâneas, também o MIEC foi alvo de alguma resistência inicial na conquista audiência entre comunidade local. Nem sempre entendidas numa primeira abordagem, estas peças foram lentamente ocupando – umas mais rapidamente do que outras – “o seu lugar na cidade, integrando-se perfeitamente na paisagem urbana, tanto em proporção como em escala, redimensionando o domínio conceptual do espaço público onde o urbanismo ultrapassa o seu carácter estrutural e funcional para assumir um carácter mais intimista.”⁵⁷

“Estas obras, aceitemos-lhe o postulado, não se referem a si mesmas, ao estatuto que o espectador lhes virá a consignar na liberdade subjectiva do seu olhar. Além do mais elas ganham sentido pelos simples facto de ali estarem, no lugar onde foram colocadas, diante do infinito. Poderão desconcertar, incomodar, seduzir, suscitar rejeição, semear o paradoxo ou a contradição, mas nunca deixar-nos indiferentes.”⁵⁸

⁵⁵ XURIGUERA, Gérard, *Catálogo 2.º Simpósio de Escultura de Santo Tirso*. Santo Tirso: Câmara Municipal de Santo Tirso, 1993, pág. 9

⁵⁶ COUTO, Joaquim, *Catálogo 2.º Simpósio de Escultura de Santo Tirso*. Santo Tirso: Câmara Municipal de Santo Tirso, 1993, pág. 5

⁵⁷ FERNANDES, António Alberto Castro, *Catálogo 5.º e 6.º Simpósio de Escultura de Santo Tirso*. Santo Tirso: Câmara Municipal de Santo Tirso, 1999 - 2001, pág. 5

⁵⁸ XURIGUERA, Gérard, *Catálogo 2.º Simpósio de Escultura de Santo Tirso*. Santo Tirso: Câmara Municipal de Santo Tirso, 1993, pág. 8, 9

Ao longo destes anos, desde 1991, Santo Tirso tem vindo a receber artistas de todo o mundo na celebração dos nove simpósios já realizados. Ao oitavo simpósio, o Museu “avançou” o rio e conta já com várias esculturas implementadas no parque da Rabada, o qual já se encontra ligado à cidade através de um percurso pedonal à beira rio.

Livres de quaisquer barreiras, estas obras que se encontram por toda a cidade, preenchem o espaço público, como presença constante dos que lá vivem e dos que as visitam.

Atualmente, com 43 esculturas implantadas, o Museu Internacional de Escultura ao Ar Livre encontra-se organizado segundo 5 núcleos principais: Parque D. Maria II e jardins adjacentes; Praça do Município; Jardim dos Carvalhais; Praça Camilo Castelo Branco e Parque Urbano da Rabada, que são os principais espaços verdes desta cidade.

No primeiro Simpósio foram implementadas cinco obras na área do jardim contíguo à Praça do Município, tendo sido muito centralizada a sua localização; o segundo Simpósio, estende-se até junto do Mosteiro de S. Bento, com mais cinco obras adornando os jardins envolventes deste monumento; os terceiro e quarto Simpósios mantêm a predominância das obras no enclave entre a Câmara Municipal e o Mosteiro de S. Bento, assim como o quinto e o sexto Simpósio, que ocupam os jardins do Parque de estacionamento Junto à Câmara e do Parque D.^a Maria II. O sétimo Simpósio alarga o Museu a uma zona da cidade de construção mais recente, junto ao novo Pavilhão Desportivo Municipal e nos oitavo e nono Simpósios é de salientar a “travessia” das obras para a outra margem do Ave, sendo implementadas no novo Parque da Cidade – Parque da Rabada.

Os principais objetivos deste Museu são, o estímulo à produção artística, a valorização da arte pública e a sua divulgação junto a um público mais alargado. As esculturas são elaboradas a partir dos mais diversos materiais - clássicos, como o granito – típico da região, ou não convencionais, como o aço, mármore ou ferro.

Inserem-se numa exposição permanente ao ar livre, que à sua conclusão reunirá 50 obras de arte, integrando o equipamento urbano da cidade e criando relações entre os lugares e o seu público.

A figura de Alberto Carneiro parece impor-se, e são as suas próprias palavras que explicam a relação intrínseca com os espaços naturais. “A matéria e a minha vida com ela na formulação do meu próprio ser. A natureza sonha nos meus olhos desde a infância. Quantas vezes adormeci entre as ervas? A minha primeira casa foi em cima da cerejeira que hoje é uma escultura. Entre meu corpo e a terra houve sempre uma identidade profunda. A floresta ou a montanha que eu trabalho no tronco de árvore ou num bloco de pedra fazem parte integrante do meu ser. O meu trabalho é uma apropriação totalizadora da matéria recriada a dois níveis: o da posse bruta através do furor existencial dos sentidos e o da posse mental pela necessidade de me reencontrar nas raízes de mim mesmo. Se a minha mão agarra um pedaço de terra, revejo nela a imensidade de mim: a ancestralidade e a futuridade.”⁵⁹

Nasceu no Coronado, um Vale de prados e bosque, entre Douro e Minho, com uma actividade agrícola dominante. As coisas da terra foram os seus brinquedos de criança e essas vivências serão fulcrais para as suas criações plásticas futuras. Aos dez anos entrou para uma oficina de santeiro onde trabalhou até aos vinte e um anos. Ali praticou um ofício e viveu uma relação osmótica com as matérias da árvore e da montanha, aprendendo a transformá-las de dentro para fora. (...) Dedicou-se ao estudo da Psicologia Profunda, do Zen, do Tantra e do Tao para aprofundar as razões e os sentidos do seu corpo e da sua mente na criação da sua obra”.⁶⁰

⁵⁹ *Catálogo* Alberto Carneiro, Com os Elementos, Escultura, Fotografia, Desenho 1965-2011, Câmara Municipal de Almada, 2011

⁶⁰ *Catálogo* Alberto Carneiro, Meu Corpo Vegetal, Galeria Fernando Santos, 2003



Imagem 13 - Escultura Água e Pedra: o rio e a montanha - Fonte: do Arquivo da CMST, 2010

Esta escultura de Alberto Carneiro foi a **primeira** a animar os espaços verdes de Santo Tirso, na Praça Camilo Castelo Branco, abrindo caminho para o Museu Internacional de Escultura (MIEC).

Alberto Carneiro definiu esta obra, nas suas Notas para um Diário, da seguinte forma: “A água corre sobre a superfície da terra e modela os seus movimentos no reconhecimento da matéria”.

Água e Pedra: o rio e a montanha. A pedra que se desvenda nas vibrações da água. Sulcos da vida sobre a terra para as anamneses do corpo. Os elementos deixaram as suas marcas sobre a superfície das pedras.

3.4.1) Missão e Objetivos do Museu

O MIEC_ST é uma instituição de orgânica municipal de carácter descentralizado. Enquanto instituição museológica pretende ser um espaço de diálogo e confronto de várias correntes artísticas contemporâneas, de divulgação da arte contemporânea e de debate do papel da arte pública. O Museu funciona, enquanto espaço de reflexão do binómio cidade/arte, como polo aglutinador de projetos de arte contemporânea, aproveitando a singularidade da sua organização e a relação com o espaço que ocupa, assumindo-se como um espaço plural e ativo na dinamização das artes plásticas.

A implementação do presente projeto compreenderá, para além da realização dos simpósios, um conjunto de outras atividades de carácter lúdico e pedagógico, permitindo o debate sobre o papel da arte pública, nomeadamente na requalificação de espaços públicos, em interligação com outros projetos com uma vertente socioeconómica mais profunda.⁶¹

⁶¹ Adaptação de textos não publicados, existentes na Câmara Municipal de Santo Tirso



Imagem 14 - Planta esquemática da distribuição das esculturas na cidade de Santo Tirso

3.4.2) Inventário e classificação das Obras – *Simpósios*

As participações nos Simpósios de Escultura Contemporânea obedecem a critérios de seleção escolhidos por Alberto Carneiro e Gérard Xuriguera, (Comissários Nacional e Internacional) nomeadamente, princípios de qualidade. Os escultores convidados aceitam participar nos Simpósios pois têm a garantia de qualidade e de liberdade total de criação, obedecendo, claro está, a certas regras. Até à data foram realizados 8 simpósios. Para o ano de 2012 estava programado um último simpósio, o nono, que iria encerrar assim o ciclo de implantação de esculturas ao perfazer as 50 peças. Este Simpósio acabou por só acontecer em Setembro de 2013, aquando da finalização deste trabalho.

No sentido de não tornar este documento demasiadamente pesado, foi feita a escolha de uma imagem referente a uma peça de cada simpósio. As restantes encontram-se presente no mapa de apresentação deste capítulo.

I SIMPÓSIO

O primeiro simpósio realizou-se em 1991. Os escultores foram:

- **ANTÓNIO DE CAMPOS ROSADO**, que nasceu em Lisboa em 1952

- **MANUEL ROSA**, natural de Beja, 1953

- **REINHARD KLESSINGER**, que nasceu na Alemanha, 1947

- **ZULMIRO DE CARVALHO**, que nasceu em Valbom, 1940

- **MANOLO PAZ**, que nasceu em Castrelo, Pontevedra, em 1957.

Designação da Obra: “Família” Material: Granito

O escultor criou uma estrutura simples: a partir da figura aproximada de um A maiúsculo invertido, com o vértice no chão em que atravessa as diagonais, serve como definição de uma linha de Terra, deixando, à abertura das duas outras linhas, uma possibilidade de definir uma moldura para a paisagem, face à qual se coloca.

Funciona como uma imagem de um monte ao contrário. Note-se a presença discreta, com que os antigos marcavam as pedras, sendo que, aqui, é a própria pedra que é sinal, marcando a paisagem. As linhas que o compõem são uma estrutura simples, como uma espécie de definição de espaço, de um vale ou a imagem invertida (em negativo) de Monte.

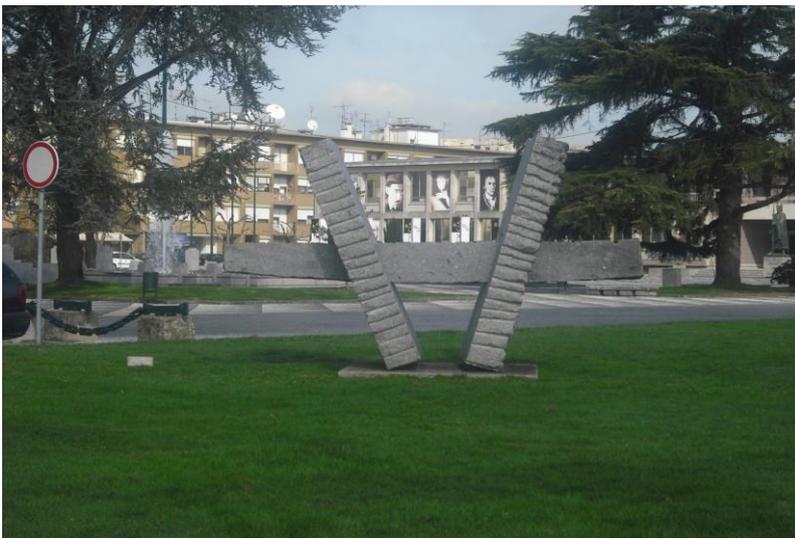


Imagem 15 - MIEC – Fonte: Arquivo da CMST, 2009

II SIMPÓSIO

O segundo simpósio realizou-se em Julho de 1993. Os escultores foram:

- **AMY YOES**, Norte – Americana, vive e trabalha em Chicago

- **JORGE DU BOM**, nasceu no México (1943).

- **PETER ROSMAN**, nasceu na Austrália (1944).

- **RUI SANCHES**, nasceu em Lisboa (1954).

- **CARLOS BARREIRA**, nasceu em Chaves em 1945 e vive no Porto

Material: Mármore, Xisto e Aço Inox

Designação da Obra: “Pedra Bulideira”

Escultura complexa pela variedade dos materiais e o trabalho a que os submeteu e a quantidade de elementos narrativos e simbólicos que introduz no seu trabalho.

Desde a bússola até à referência a outros lugares que configuram, na sua experiência pessoal, a paisagem da sua memória, até outras pedras que se orientavam entre si, para formarem uma espécie de círculo ritual.



Imagem 16 - MIEC – Fonte: Arquivo da CMST, 2009

III SIMPÓSIO

O terceiro simpósio realizou-se em 1996. Os escultores foram:

- **ÂNGELO DE SOUSA**, nasceu em Moçambique, em 1938 Material: Ferro



Imagem 17 - MIEC – Fonte: Arquivo da CMST, 2011

- **DAVID LAMELAS**, nasceu em Buenos Aires (1946)

- **MAURO STACCIOLLI**, nasceu em Volterra (1937), Itália.

- **MICHAEL WARREN**, nasceu em (1950).

- **RUI CHAFES**, nasceu em Lisboa (1966).

IV SIMPÓSIO

O quarto simpósio realizou-se em 1997. Os escultores foram:

- **FREDERICO BROOK**, nasceu em Buenos Aires (1933)

- **JOSEPMARIA**, nasceu em Espluga, Lérida - Espanha (1947)

- **PAUL VAN HOEDONCK**, nasceu na Antuérpia, Bélgica (1925)

- **PEDRO CROFT**, nasceu no Porto (1957)

- **SATORU SATO**, nasceu em Miyagi, Japão (1945)

- **JÚLIO LE PARC**: nasceu em Mendoza - Argentina (1928).

Designação da Obra: "Ascensão" Material: Aço Inox.

A sua obra caracteriza-se por formas esguias que atravessam os três cubos fixos.

A parte superior sugere ramos ao vento e revelam a figuração de uma árvore. A obra estabelece uma relação entre a paisagem arborizada e uma figura discreta e delicada, quase transparente, apesar da sua escala e volume.



Imagem 18 - MIEC – Fonte: Arquivo da CMST, 2000

V SIMPÓSIO

O quinto simpósio realizou-se em Santo Tirso em 1999. Os escultores foram:

- **FERNANDA FRAGATEIRO**, nasceu Montijo (1962)

- **HANG CHANG-JO**, nasceu na Coreia do Sul (1943)

- **JACK VARNASKY**, nasceu em General Roca, Argentina (1936)

- **NISSIM MERKADO**: nasceu na década de 70, Bulgária.

- **MARK BRUSSE**, nasceu em Alkmar, Holanda (1937)

Designação da Obra: "O Guardião da Pedra que Dorme".

Material: Granito.

Este escultor aproveita uma pequena elevação natural num jardim e sacraliza um elemento profano, simbolizado a imagem de um símio.

A pequena escada, a acentuar o movimento ascensional e o modo como todo o conjunto joga (note-se o acabamento polido do granito utilizado), com uma grande pedra discretamente marcada, implanta um ambiente de estranheza que a mensagem profana acaba por acentuar.

A proximidade da árvore que no verão interfere, pela sombra que parcialmente projeta no modo como o conjunto é iluminado, constitui outro elemento a ter em conta.

O artista caminha entre extremos antitéticos como o mole e o duro, como é o caso desta "rocha que dorme".

Apenas lhe basta insinuar umas leves fendas na pedra granítica que arredam pálpebras descaídas, e umas esquemáticas narinas, para transformar a pedra dura num ser mole que necessita protecção no seu indolente sono.

No entanto, a característica mais importante desta obra, é o forte conteúdo irónico do esquemático macaco que vigia o sono desde a sua guarita.

É o macaco sentinela, o protagonista da obra, não dando ouvidos ao barulho mundano que decorre na praça, não ouvindo as vãs lamentações das misérias quotidianas, propondo-nos uma nota de humor irónico para ultrapassar os agravos diários, olhando a vida desde a sua atalaia da arte, fechando o ciclo, se torna e faz artistas de todos nós que contemplamos.



Imagem 19 - MIEC – Fonte: Arquivo da CMST, 2005

VI SIMPÓSIO

O sexto simpósio realizou-se em Santo Tirso em 2001. Os escultores foram:

- **CARLOS CRUZ DIEZ**, nasceu em Caracas, Venezuela, (1923)

- **DANI KARAVAN**, nasceu em Telavive, Israel (1930)

- **GUY DE ROUGEMONT**, nasceu em Paris, (1935)

- **PEDRO CABRITA REIS**: nasceu em Lisboa, (1956)

- **UM TAI JUNG**, nasceu em Moon - Kyung, Coreia (1938)

- **A-SUN WU**, nasceu em Taiwan, China, (1942)

Material: Aço.

Esta obra, em aço pintado de vermelho intenso é marcadamente expressionista. O seu autor incluiu alguns traços da cultura artística do seu país de origem.

Note-se a forma plana, desenvolvida no plano vertical, sem volume, contestando uma das características próprias da escultura tradicional.

Estamos perante um enorme desenho que utiliza o repertório gestual da pintura expressionista europeia formando uma figura onde podem reconhecer-se os traços de um rosto oval definido por olhos, o nariz e uma boca com dentes.

Porém, podemos fazer outros tipos de leituras:

- o vermelho brilhante, sem matizes, pode ser interpretado como um arremedo das lacas orientais.

- o gestual, pode referir-se à arte de caligrafia e aos traços nervosos da intensa tinta-da-china, aplicada com pincel.

Quando olhamos para esta obra sob os raios de sol, aparece no solo uma sombra de contornos definidos que, sem ambiguidades, nos lembra a arte da tesoura, do teatro das sombras, dos biombos e da ornamentação arquitetónica que durante séculos caracterizaram a essência da arte oriental.



Imagem 20 - MIEC – Fonte: Arquivo da CMST, 2002

VII SIMPÓSIO

O sétimo simpósio realizou-se em Santo Tirso em 2004. Os escultores foram:

- **JOSÉ BARRIAS**: nasceu em Lisboa, (1944)

- **LEOPOLDO MALER**, nasceu na Argentina (1937)

- **PETER KLASSEN**, nasceu na Alemanha (1935)

- **SUK-WON PARK**, nasceu na Coreia do Sul (1941)

- **PETER STÄMPFLI**, nasceu na Suíça (1937)

Material: Betão e Azulejo.

Nesta escultura, o automóvel aparece como ícone da modernidade e imagem estandardizada em que a nossa cultura se reconhece a si mesma, mas também como jogo de referências da própria história de arte.

O artista renova a iconografia da impressão do pneu, ampliando-a em forma de um totem colorido da modernidade. Note-se as pequenas ondulações, ranhuras e assimetrias muito semelhantes às dos pneus de um automóvel.

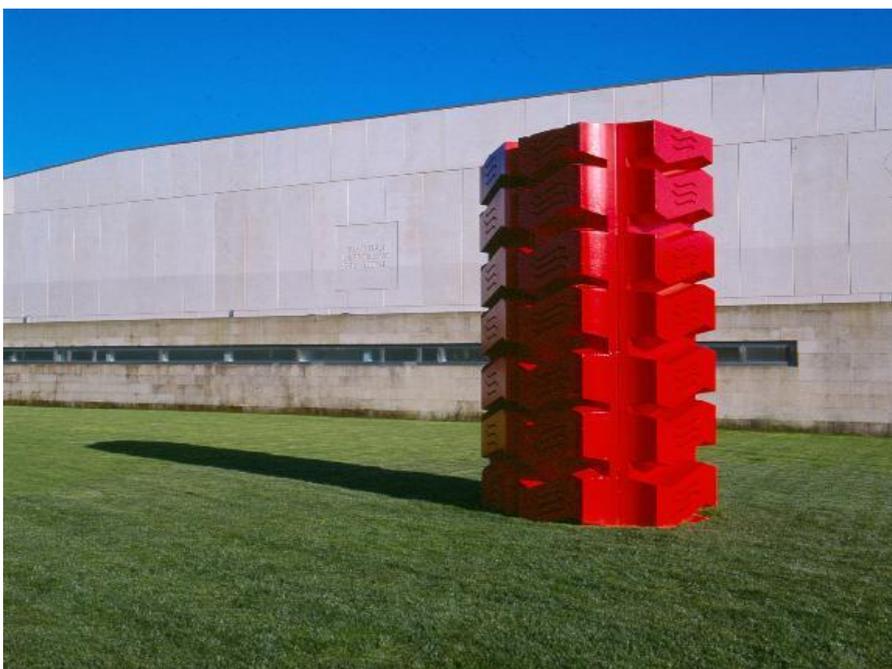


Imagem 21 - MIEC – Fonte: Arquivo da CMST, 2006

VIII SIMPÓSIO

O oitavo simpósio realizou-se em Santo Tirso em 2008. Os escultores foram:

- **WANG KEPING**, nasceu em Pequim

- **MICHEL ROVELAS**, nasceu em Guadalupe, (1939)

- **ÂNGELA FERREIRA**, nasceu em Maputo

- **ALBERTO CARNEIRO**, nasceu em S. Mamede do Coronado (1937) – 2
esculturas

- **JEAN PAUL ALBINET**, nasceu em 1954, vive e trabalha em Paris.

Designação da Obra:” Sedimentação”

Material: Madeira.

“ A Vida Quotidiana no meio Citadino”

Representa o retrato dos novos problemas da sociedade de consumo,
preocupação para a reciclagem.



Imagem 22 - MIEC – Fonte: Arquivo da CMST, 2011

IX SIMPÓSIO

A 23 de Setembro de 2013, é comemorado o IX Simpósio do Museu Internacional, que conta com a participação de cinco escultores internacionais.

Uma vez que, à conclusão deste trabalho ainda não existia material publicado referente a estas peças, só nos é possível nomear os escultores participantes, que são os seguintes:

Jacques Villeglé, 1926 (França)

Pino Castagna, 1932 (Itália)

Kishida Katsuji, 1937 (Japão)

Philippe Perrin, 1946 (França)

Carlos Nogueira, 1947 (Moçambique)

3.4.3) Medidas Dinamizadoras do MIEC - Câmara Municipal de Santo Tirso

Mais recentemente ampliou-se esta conceção de museu ao se pretender criar como que uma lógica construtiva. Parece que a envolvente e a perceção dos visitantes não foi suficiente para fazer compreender os itinerários e o conceito de Arte Pública. Enumeram-se, assim, algumas dessas iniciativas, que a Câmara Municipal tem projetadas, para a futura dinamização do MIEC.

A construção de um edifício de acolhimento, - Criação de um centro de acolhimento “átrio”, a ser desenvolvido por um arquiteto de reputação internacional – Siza Vieira, em complementaridade ao conteúdo artístico do acervo museológico, constituir-se-á, por si só, como uma peça de acréscimo ao seu valor, assim como, um valioso elemento agregador do Museu.

O projeto tem como objetivo a estruturação de um edifício com aptidões para o apoio global às atividades relacionadas com o MIEC_ST, requalificando os percursos lúdicos envolventes, equacionando-se ainda a implantação de um parque de descanso e de realização de atividades ao ar livre, como polo complementar de dinamização de toda a área.

O conteúdo programático do edifício a implementar é de natureza pedagógica e “interpretativa”, pelo que o setor nuclear deverá ser uma sala de serviços educativos apoiada pelos recentes veículos multimédia, espaço esse que deverá ser interativo com uma sala polivalente destinada a atividades de carácter temporário. Os restantes módulos espaciais são a saber, um de apoio administrativo, definido pela receção e documentação informal (áreas de átrio, informação, secretariado e stand de vendas), outro que deverá conformar um gabinete de trabalho, outro destinado à recolha de materiais, equipamentos e de reservas, e ainda as áreas de serviços sanitários e vestiários de apoio direto ao edifício, a que deverá juntar-se a área para as infraestruturas técnicas do edifício.

Conceptualmente a “proposta edificada”, a desenvolver futuramente, deverá absorver, por um lado as características da envolvente, e por outro, os códigos e conteúdos de assentamento do MIEC_ST. Deverá ser, com base nesta filosofia de

interpretação dos signos mais representativos, um dos principais elementos de toda a intervenção de valorização do MIEC.

Com a colocação de material informativo pretende-se, em primeira análise, sinalizar a existência e o acesso ao MIEC_ST de forma a informar e orientar os visitantes, ou seja, pretende-se proceder à instalação de sinalética em dois níveis de intervenção. Os painéis a instalar na periferia visam informar a localização espacial do Museu, de forma a facultar um conhecimento amplo e a garantir a integridade das peças expostas. Um segundo nível de informação, de carácter mais pontual, visa identificar os diferentes núcleos permitindo um nível de informação mais detalhado sobre as peças e respetivos autores sem, contudo, descurar a contextualização geral do Museu.

Os objetivos a atingir hierarquizam-se em dois níveis. O primeiro, de carácter mais geral, visa informar da existência permitindo um primeiro contacto com o Museu, assim como constituir um primeiro elemento de promoção de referência da cidade; o segundo, mais específico, relaciona-se com o propósito de constituir um suporte informativo para o visitante de forma a garantir uma visita autónoma.

Depois, a Criação de Itinerários pretende constituir-se como um elemento de suporte à visita, permitindo orientar o visitante no sentido de garantir um percurso coerente, confortável e complementado com pontos de repouso e de fruição de outros elementos de interesse, nomeadamente de natureza paisagística e arquitetónica, relevantes para o entendimento das peças em exposição.

Pretende-se definir vários percursos, com tempo de duração diferenciado e uma taxa de esforço distinta, uma vez que o Museu se desenvolve por uma área espacial ainda significativa, com oscilações topográficas a considerar.

A sua implementação constituirá também um suporte indispensável para a utilização de suportes áudio de acompanhamento da visita.

A ação concretizar-se-á na edição de materiais gráficos que identificarão os percursos, com numeração das peças e informação de carácter genérica de apoio à visita.

Depois, a instalação de *Quiosques Digitais* em quatro pontos estratégicos dos diferentes núcleos do MIEC_ST permitirá, de forma imediata e graficamente apelativa, aceder a um amplo e detalhado conjunto de informações sobre as peças na envolvente, seus autores, obras associadas, características construtivas etc. Pretende-se, desta forma, complementar a visita permitindo o acesso a um nível superior de informação facultando os meios necessários para uma maior interatividade, na qual os intervenientes no processo, através do acesso a um fórum gerido pelos serviços educativos, possam aceder a um serviço de informações *on-line*.

O mobiliário urbano que deverá acondicionar estes equipamentos deverá estar em função do conceito do Museu, do “*átrio*” e da sinalética a instalar, constituindo, por si só, um meio de afirmação da referência conceptual do Museu.

Prevê-se a itinerância de dois destes equipamentos através das instituições com as quais se venha a estabelecer um vínculo de parceria, para que a sua instalação no espaço a ceder pela entidade de acolhimento, devidamente enquadrada com materiais promocionais, permita uma verdadeira e efetiva divulgação do MIEC.

Ainda o programa de visitas guiadas a desenvolver com carácter periódico e sistemático considera três tipos de público, claramente diferenciados pelo seu nível etário (infanto-juvenil, adulto e sénior), cuja abordagem deve ter em consideração, para além dos distintos níveis de conhecimento, perceção estética e suportes de linguagem, a capacidade física, o diferente nível de disponibilidade e receptividade de informação.

Pretende-se, com regularidade quinzenal, disponibilizar ao público, através de inscrições prévias, visitas orientadas por pedagogos com formação na área das artes plásticas, cuja ação educativa permita um melhor entendimento do ato criativo, assim como das diferentes abordagens conceptuais do processo criativo contemporâneo. As visitas deverão ser complementadas e valorizadas com atividades que reforcem o carácter interativo, permitindo uma aproximação efetiva e desmistificadora da obra de arte. Para o efeito deverão ser criados os suportes informativos necessários (audiovisuais, mapas, maletas pedagógicas, entre outros).

Finalmente, a criação de um sistema de áudio-guia permitirá ao visitante obter, *in situ*, de forma autónoma, toda a informação sobre o objeto, podendo, deste modo,

explorar de forma detalhada e exaustiva o seu conceito, processo de construção, bem como experimentar toda a realidade envolvente.

Pretende-se que o suporte se configure em três línguas - português, castelhano e inglês.

Os conteúdos serão suportados em MP3, a disponibilizar ao visitante mediante aluguer e após um registo de identidade. Para uma orientação eficaz do programa de visita, a gravação áudio corresponderá ao conteúdo do mapa/roteiro, de forma a uniformizar um percurso pedestre que melhor se possa adequar aos propósitos que se pretende alcançar com a visita.

Para cada objeto de interesse, o discurso gravado não deverá exceder os 4 minutos, podendo ser regravados mediante um controle anual.

O percurso proposto estrutura-se em três núcleos, podendo, no entanto, ser percorrido de forma aleatória e descontinuada.

- Núcleo do Mosteiro Beneditino; Núcleo da praça do Município; Núcleo do Parque dos Carvalhais.

Percurso integral com a identificação dos principais núcleos



- Ateliês (cursos de verão)

Os ateliês de verão constituem pequenas ações de formação destinadas às camadas escolares, de incidência eminentemente prática e com carácter lúdico-pedagógico. Pretende-se implementar *workshops* de iniciação às artes plásticas, onde se debatam ideias de diferentes sensibilidades estéticas e se vão descobrindo diferentes saberes.

Entres outras, serão abordadas as áreas criativas da pintura, escultura, cerâmica, fotografia e a serigrafia. O calendário para a sua realização deverá respeitar o calendário escolar de forma a garantir a participação da comunidade escolar local, docente e discente.

Procurar-se-á, dentro do possível, que estas atividades possam ser desempenhadas por alunos de Belas Artes, através de realização de acordos pontuais, de forma a garantir a sua aproximação ao projeto, assim como para reduzir os custos com contratação de serviços.

As atividades a desenvolver poderão ainda compreender pequenas mostras dos trabalhos executados de forma a permitir um maior envolvimento da população, neste caso dos encarregados de educação.

- Ações de formação para formadores no domínio da arte pública contemporânea

As ações pedagógicas a desenvolver com a comunidade educativa do concelho e áreas limítrofes tem como finalidade, para além da divulgação do acervo da instituição, contribuir para a formação e consciencialização dos públicos locais, em particular da comunidade escolar. Constituirá um dos propósitos, dar a conhecer as manifestações artísticas desenvolvidas pelos autores representados no MIEC_ST, o seu percurso artístico e respetivo enquadramento nas correntes criativas *pós modernas*. Pretende-se, desta forma, constituir uma base de reflexão e de apoio pedagógico que considere o acervo do MIEC_ST como um ponto de partida para a abordagem das expressões estéticas contemporâneas, que, partindo dos professores, se assuma localmente como um conteúdo programático das Arte Visuais, ou áreas de desenvolvimento de Projeto.

Prevêem-se ações de curta duração, com carácter pontual, ministradas por críticos e ensaístas devidamente credenciados e com reputação firmada. A sua implementação passará pelo estabelecimento de protocolos ou acordos de cooperação com estabelecimentos de ensino superior ou com instituições congéneres, nomeadamente museus ou galerias de arte.

Concurso Internacional de Jovens Escultores (bienal)

A realização de um concurso de jovens escultores tem como objetivo divulgar o MIEC_ST, envolver os estabelecimentos de ensino superior de artes plásticas a nível nacional e internacional, enriquecer o acervo da instituição e, fundamentalmente, criar dinâmicas internas que permitam uma atividade regular, com carácter periódico.

O evento a desenvolver terá uma periodicidade bienal e será destinada exclusivamente aos estabelecimentos de ensino superior das Artes Plásticas, em regulamento a definir, e terá como principal propósito a execução da peça vencedora que será integrada no Museu.

O júri será composto por três elementos sendo composto, obrigatoriamente, pelos dois comissários do MIEC_ST e um terceiro elemento a convidar pontualmente para cada um dos eventos.

O concurso contemplará a realização de uma exposição temporária dos projetos, que, uma vez terminada, passará a integrar a galeria de *projetos virtuais* do site do MIEC_ST.

Percursos dos ateliês dos escultores _ cidades europeias

Constitui numa das atividades a desenvolver no âmbito dos Serviços Educativos e tem por objetivo criar e disponibilizar ao público em geral, uma carteira de oferta de viagens de carácter lúdico-pedagógico de aprofundamento de conhecimentos da “obra” de determinados escultores representados no MIEC_ST, cuja representatividade nos museus europeus seja significativa.

A sua implementação implicará o estabelecimento de parcerias com operadores turísticos privados, de forma a garantir a suficiência dos aspetos logísticos e o respetivo suporte financeiro, sendo o contributo do MIEC_ST apenas o acompanhamento especializado e o elemento de interligação das instituições a visitar.

Entre outros objetivos, pretende-se fazer refletir a importância e o significado do acervo museológico do MIEC, e fundamentalmente, permitir à comunidade local poder beneficiar de um acompanhamento técnico especializado de forma a garantir uma visão do fenómeno criativo desprovida de falsas mistificações, muitas vezes impeditivas da compreensão do fenómeno criativo.

A implementação desta ação pretende ainda constituir uma fonte de rendimentos para o MIEC_ST, pela imputação direta do custo dos serviços, como pela contribuição de eventuais patrocinadores.

A realização das viagens terá um carácter anual e realizar-se-ão, preferencialmente, durante o período estival.

Museu virtual (fórum; carteira de projetos)

O principal objetivo da criação do *Museu Virtual* é a valorização do rico acervo do Museu, exposto e em reserva, através da utilização das tecnologias de informação e comunicação, como suporte ao desenvolvimento e implementação de aplicações multimídia interativas.

Pretende-se, em particular, tirar partido dos mais recentes contributos no domínio da computação gráfica, realidade virtual e das comunicações móveis, de forma a criar espaços “digitalmente enriquecidos” que permitam maximizar o processo de aprendizagem pela aplicação de uma envolvente recreativa.

Para concretizar esta visão do espaço do MIEC_ST, pretende-se criar uma aplicação informática graficamente apelativa cujo conteúdo seja dinâmico e possibilite a intercomunicabilidade, nomeadamente através de fóruns e da utilização de espaços de divulgação, especificamente criados para o efeito. A plataforma base será comum à do portal da entidade de tutela, numa lógica evidente de minimização do investimento e do prazo de execução.

Cumprindo os conteúdos obrigatórios relacionados com a identificação da instituição, missão, divulgação do acervo e programação associada, destacar-se-ão, em particular, os espaços criados para o Museu Virtual resultante da implementação do concurso de jovens escultores, garantindo a apresentação de uma carteira de projetos divulgados a partir de um instituição cujo projeto, por si só, constitui um elemento de credibilidade e autenticidade.

A aplicação informática será suportada em três línguas (português / castelhano / inglês), e permitirá a constituição de uma verdadeira rede, através da definição de um conjunto de *hiperligações* às páginas dos diferentes autores, instituições em cujas coleções se encontrem representados, galerias de arte e demais agentes intervenientes no espaço da arte contemporânea.

Exposições temporárias

A realização de exposições temporárias visa criar uma dinâmica de renovação do interesse e participação ativa na programação do museu. De acordo com a missão do MIEC_ST, privilegiar-se-á a intervenção de espaços públicos ao ar livre, de forma que

as atividades a realizar se integrem no espaço do museu e dos percursos definidos. As mostras a realizar poderão ser criadas para o efeito, sob um comissariado específico ou constituírem propostas de itinerância de outras instituições congéneres ou dos próprios artistas. Pretende-se que as exposições se constituam como mostras de média duração, nos quais seja possível desenvolver atividades no âmbito dos Serviços Educativos de forma a garantir o “retorno” do investimento efetuado. A sua periodicidade será bienal, sendo intercalada com o “concurso de jovens escultores”, de forma a permitir uma utilização racional de recursos humanos e a garantir uma regularidade na programação.

Exposições itinerantes

A constituição de uma exposição itinerante sobre o Museu Internacional de Escultura Contemporânea de Santo Tirso, a promover junto de entidades congéneres, constituirá, sem dúvida, um dos melhores veículos promocionais da instituição e da cidade de Santo Tirso. Pretende-se que, de forma graficamente apelativa, suportada pelos novos meios de comunicação (quiosques digitais), e de textos de conteúdos acessíveis, mas de qualidade indiscutível, se transmita a natureza e coerência do projeto, a qualidade das peças e a projeção e reputação internacional dos autores.

A exposição, a editar em duas línguas (português e inglês), por proposta do MIEC_ST, deverá poder ser exibida no maior número de espaços possíveis, nacionais e estrangeiros, e preferencialmente, deverá ser acompanhada de uma palestra ou de visitas guiadas pelos técnicos do museu.

Edição de material divulgativo e promocional

A edição de material divulgativo e promocional resultante da implementação do *Projeto de Valorização e Dinamização do Museu Internacional de Escultura Contemporânea de Santo Tirso* constitui uma peça de importância decisiva para atingir os resultados propostos. Consideram-se quatro níveis de abordagem; 1) a localidade 2) a região 3) o país 4) os países comunitários.

Como é evidente a proposta de edição será bilingue e os conteúdos ao nível de texto serão tratados de forma diferenciada, pressupondo que a abordagem de nível nacional e internacional deverá ter como público-alvo um segmento da população com

interesses mais direcionados e específicos e, como tal, mais exigentes ao nível do detalhe e riqueza da informação.

Consideram-se neste capítulo apenas os suportes convencionais não transgredindo para a área do *merchandising*, nem dos suportes informáticos. Neste sentido, considera-se a edição dos seguintes materiais; cartaz, roteiro, guia, economato.

Colaboração com instituições congéneres a partir de protocolos de parcerias

A divulgação e a promoção do MIEC_ST serão feitas, preferencialmente, através de parcerias com instituições congéneres com as quais se estabeleçam protocolos de colaboração de forma que se proceda ao intercâmbio de exposições temporárias, material editado e *merchandising*.

Da mesma forma, considera-se a possibilidade de desenvolver projetos partilhados que possam ser exibidos ou apresentados em vários locais. Com o mesmo propósito desenvolver-se-ão iniciativas no sentido de promover parcerias com privados, nomeadamente na área dos transportes (aéreos e ferroviários), de forma a poder apresentar o produto “MIEC_ST”, no maior e mais diversificado leque de escaparates possíveis, como, por exemplo, terminais ferroviários, aeroportos, estações de metro, etc.

Procurar-se-á que as relações a definir sejam isentas de custos para os agentes envolvidos procurando cumprir uma reciprocidade de interesses numa lógica de mútuo interesse.

Integração em pacotes turísticos de operadores privados

No domínio empresarial a aproximação a realizar compreende a criação de relações privilegiadas com operadores turísticos que desenvolvam uma ação concreta no domínio do turismo cultural, ao qual será proposto a integração do MIEC_ST em pacotes de oferta turística de carácter comercial, tendo, como contrapartida, um serviço de acompanhamento local preferencial.

Pretende-se, desta forma, beneficiar diretamente os agentes económicos locais, criando condições para que futuramente se possam constituir como “parceiros” do MIEC_ST.

3.5) Proposta de dinamização e promoção do Museu Internacional de Escultura ao Ar livre através de uma Aplicação Eletrónica de Realidade Aumentada

Ao fazermos uma proposta que agilize a capacidade de atração turística, é porque acreditamos que existe um potencial a desenvolver. Um diagnóstico prévio justifica a dinamização necessária.

3.5.1) Um balanço da atratividade e análise swot

Visitantes do MIEC_ST contabilizados através de solicitações no Museu Municipal Abade Pedrosa em Visitas Guiadas (Escolas e Grupos/Associações) e fornecimento de mapas e guias resultam na tabela que se segue.

	N.º de Visitantes
1997	1000
1998	442
1999	631
2000	194
2001	812
2002	299
2003	344
2004	640
2005	1002
2006	172
2007	498
2008	117
2009	301
2010	194
2011	278
2012	888
Total	7812

Tabela 1 – Fonte: Câmara Municipal de Santo Tirso (Dados não Publicados)

Conforme pode verificar-se, o Museu Internacional de Escultura ao Ar Livre em Santo Tirso, não tem uma evolução coerente, de cadência positiva ao longo dos últimos anos no que respeita ao número de visitantes, o que demonstra não existir, em execução, medidas eficazes de captação de turistas/visitantes.

Embora possa verificar-se um grande aumento no ano de 2012, os números apresentados não comprovam que a tendência seja evolutiva, já que no ano de 2005 também existiu um aumento muito significativo de visitas, que sofreu uma quebra esmagadora no ano seguinte. As explicações não surgem em relatórios disponíveis, nem se conhece qualquer estudo dos perfis dos visitantes. Por isso limitamo-nos, e não parece ser de menor importância, realizar uma análise swot das potencialidades e das fragilidades a diagnosticar e que poderiam servir de base para traçar projetos e iniciativas futuras.

ANÁLISE SWOT

Forças

- . Forte sensibilidade e empenho da tutela
- . Elevada qualidade do acervo museológico
- . Estrutura orgânica valorizada pela existência de dois comissários artísticos de reputação internacional
- . Baixo custo da realização dos simpósios e da produção das peças
- . Facilidade de acesso às áreas expositivas
- . Existência de suportes editoriais técnicos em edições bilingues (PT/GB)
- . Enquadramento ambiental e paisagístico de qualidade
- . Existência de património arquitetónico de relevância cultural na envolvente
- . Originalidade e singularidade do projeto do MIEC no território nacional
- . Forte apetência para as artes plásticas em geral, e com a escultura pública em particular.
- . Acesso gratuito.

Debilidades

- . Inexistência de recursos humanos afectos ao projecto
- . Deficiente sinalização e identificação das peças
- . Inexistência de uma programação de dinamização e animação
- . Inexistência de materiais de divulgação de carácter pedagógico
- . Inexistência de *Serviços Educativos*
- . Inexistência de um espaço de acolhimento e encaminhamento dos visitantes
- . Fraca apetência da população local para a fruição da arte contemporânea em geral, e da arte pública em particular
- . Inexistência de uma campanha promocional e de divulgação supra municipal
- . Inexistência de um programa tendente à sustentabilidade do projeto

- . Localização marginal em relação aos principais centros urbanos
- . Oferta turística complementar pouco diversificada

Oportunidades

- . Promover um património de elevada relevância cultural e artística
- . Promover a cidade de Santo Tirso enquanto espaço/cidade de cultura e criação artística
- . Aumentar o número de turistas à cidade
- . Estimular a criação artística e o sentido estético da comunidade local
- . Promover a criação de um espaço multicultural de troca de experiências e diferentes perceções Artísticas.
- . Incrementar uma nova identidade cultural concelhia associada a uma nova contemporaneidade

Ameaças

- . Emergência de projetos similares na mesma área regional, concorrenciais ao MIEC_ST
- . Empobrecimento do património artístico por falta de manutenção e aumento de vandalismo
- . Esgotamento do modelo de enriquecimento do acervo museológico
- . Diminuição do empenhamento da tutela

Tomar consciência, através da realização de uma análise SWOT, dos principais pontos fortes e fracos, assim como forças e fraquezas do projeto, é um passo marcante na delineação estratégica, para o alcance do sucesso na almejada divulgação do MIEC.

Só assim, se tomam medidas mais assertivas, como consideramos ser a criação de uma aplicação eletrónica para telemóveis e outros equipamentos, na “comunicação” da existência deste museu para além da cidade/concelho de Santo Tirso.

3.5.2) Uma experiência a testar: uma Aplicação Eletrônica de Realidade Aumentada

A divulgação do Museu de Arte Pública criaria apetências se, antes de mais, fosse divulgado por públicos cada vez mais externos à cidade. Por vezes, é o olhar dos outros, que acrescenta valor ao que existe já e que cria identidades internas.

“Realidade Aumentada é a sobreposição de objetos virtuais gerados por computador num ambiente real, utilizando para isso algum dispositivo tecnológico [Kirner and Tori2004]. No entanto, essa definição faz parte de um contexto mais amplo denominado Realidade Misturada.

A Realidade Misturada é a combinação do ambiente real com o ambiente virtual gerado por computador, podendo receber duas denominações: Realidade Aumentada quando o ambiente principal é o real e Virtualidade Aumentada, onde o ambiente principal é o ambiente virtual [Milgram 1994]. Assim, a Realidade Aumentada é uma particularização da Realidade Misturada.

A Realidade Aumentada proporciona ao usuário uma interação segura e agradável, eliminando em grande parte a necessidade de prática pelo facto de trazer para o ambiente real os elementos virtuais, enriquecendo e ampliando a visão que ele tem do mundo real. Para que isso se torne possível, é necessário combinar técnicas de visão computacional, computação gráfica e realidade virtual, o que gera como resultado a correta sobreposição de objetos virtuais no ambiente real [Azuma 1993].

Além de permitir que objetos virtuais possam ser introduzidos em ambientes reais, a Realidade Aumentada também permite que o usuário interaja com os elementos virtuais utilizando as mãos, eliminando dessa forma dispositivos tecnológicos complexos e tornando a interação com o ambiente misturado muito mais agradável, atrativa e motivadora [Santin et. al. 2004].⁶²

⁶² ZORZAL, Ezequiel Roberto; CARDOSO, Alexandre; KIRNER, Claudio; JUNIOR, Edgard Lamounier – Programa de Pós Graduação em Engenharia Elétrica -Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – Brasil e Programa de Pós Graduação em Ciência da Computação - Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) .São Paulo – Brasil. Disponível em: [<http://scholar.google.pt/scholar?hl=pt-BR&q=realidade+aumentada&btnG=&lr=>], Consult. 8 Junho 2013

Atualmente, a utilização de ferramentas eletrônicas é um recurso usual por parte das populações, sendo a informação circulante através das aplicações para telemóveis, redes sociais e sítios, um forte potencial no que respeita à divulgação e promoção turística, dos principais pontos de interesse e visita de países e cidades.

Estes recursos eletrônicos desconhecem demora na chegada da informação, custos elevados ou entraves a uma utilização eficaz e satisfatória, sendo acessível a todos os que os desejem. Têm ainda a vantagem de ser amigos do ambiente, uma vez que evitam o recurso sucessivo aos suportes de papel.

A criação de uma aplicação eletrônica, com uma dinâmica animada de realidade aumentada, poderia representar uma forma divertida de apresentação do museu aos seus visitantes, criando um elo de ligação entre as personagens existentes no MIEC_ST e a população em geral.

Assim, as suas características seriam as seguintes:

- Criação de uma imagem global de marca MIEC_ST e respetivo logótipo (talvez a primeira peça que se transmutaria conforme a evolução das peças), que representasse a essência do Museu, tendo por base a imagem do escultor Alberto Carneiro (através do seu claro consentimento), principal mentor deste projeto;

- Esta “marca” faria a mostra de todo o museu ao longo do circuito e/ou circuitos criados, interagindo as obras e os seus criadores;

- Para o efeito, cada escultor faria a apresentação da sua própria peça, caracterizando-a e apresentando-a livremente, fomentando, deste modo, uma relação direta com o visitante e acrescentando valor à interpretação e visualização que cada um tem ao observar as peças do museu;

- Ao longo do percurso, apresentar-se-iam ainda outros pontos de interesse local, - culturais, gastronómicos, etc...- uma vez que esta aplicação seria desenvolvida pela câmara municipal, enquanto entidade promotora do MIEC_ST – desta forma integrava-se a envolvente, diminuindo a ideia de marginalidade territorial, e o passado e o presente assim como o furo perfilar-se-iam.

- A aplicação eletrónica deverá ser desenvolvida em níveis de informação escalonados consoante os diferentes públicos a que se dirige – crianças, estudantes em geral, estudantes de arte, escultores e público heterogéneo;

- Agregado à imagem global da marca, desenvolver toda uma campanha e merchandising, relacionados com as peças expostas. Desenvolvimento de um sítio na internet, onde fosse disponibilizada toda a informação, ações e iniciativas a decorrer no Museu. Este sítio poderá estar ligado através de um *link*, aos sítios relacionados com arte contemporânea e escultura, e até mesmo aos parceiros acima sugeridos, como é exemplo a Fundação Serralves.

- A partir desta aplicação, poderá ser criada uma animação de promoção do Museu, a estar disponível no sítio da Câmara Municipal de Santo Tirso e/ou outros sítios relacionados com a temática, como por exemplo o novo “Guia Portugal Contemporâneo”, uma plataforma digital dirigida às empresas do setor e que agrega mais de 160 recursos e eventos em todo o país.”⁶³

É de salientar que, relativamente ao Museu Internacional de Escultura Contemporânea ao Ar Livre em Santo Tirso, não se encontra disponível qualquer informação no site do guia supramencionado que tem como objetivo “(...) permitir novas propostas de redescoberta de Portugal que facilitem a formatação de programas, conteúdos e serviços turísticos para captar novos e mais públicos nos produtos Touring Cultural e City Breaks. (...) O novo roteiro reúne informação sobre 40 locais demonstrativos da vitalidade e qualidade da arquitetura portuguesa; 45 museus, galerias e outros espaços de coleções com as obras dos artistas contemporâneos portugueses mais emblemáticos; (...) disponível em [<http://guiastecnicos.turismodeportugal.pt>]]”⁶⁴

Com o surgimento do site *Oportunity*, e a conseqüente vontade da Câmara Municipal do Porto de alargar o tempo de estadia nesta cidade, O Norte de Portugal e suas potencialidades turísticas representam um complemento na motivação turística de quem os visita.

⁶³ Guia na Internet destaca eventos em todo o País. «Metro». (5 Junho 2013) p.8

⁶⁴ Guia na Internet destaca eventos em todo o País. «Metro». (5 Junho 2013) p.8

Santo Tirso, pela sua proximidade à cidade do Porto e pela facilidade existente ao nível de transporte, quer pela viagem de comboio que liga as duas cidades em apenas 45 minutos, quer pela ligação rápida através da autoestrada A3, poderá ter uma vantagem direta na captação de visitantes por um dia.

Ao definir e instalar estratégias bem-sucedidas no alcance deste objetivo, poderá verificar-se um aumento e dinamização da economia local, nomeadamente do comércio local, restauração e serviços de animação.

O Parque Urbano da cidade, à beira rio, assim como as zonas de lazer envolventes, são espaços convidativos, tornando esta cidade numa alternativa viável de turismo cultural ao ar livre.

4) Conclusão

A implementação destas medidas, constitui um passo decisivo na definitiva afirmação do Museu Internacional de Escultura Contemporânea de Santo Tirso.

Num espaço relativamente curto o MIEC, que constituiu uma das principais apostas do município no domínio cultural nos últimos dez anos, transformará a imagem da cidade, particularmente perante os seus munícipes, permitindo que se crie uma verdadeira “consciência artística”, na qual a apropriação dos conceitos estéticos e conceptuais propostos desempenhe um papel impulsionador e dinamizador da comunidade tirsense. O que está aqui em aberto é o contributo de uma vertente cultural que não só ajudou a regenerar o território, envolvendo zonas periféricas, como despoletou um processo de centralidade cultural, dada a oferta única de um novo património, até então inexistente e com conceções diferentes do tradicional Museu. Este desafio é que faz a diferença e assim se deve manter – porque se trata de um fator único e irrepetível.

A relativa marginalidade da cidade de Santo Tirso, em relação aos principais núcleos urbanos da área meridional do norte de Portugal (Porto, Braga, Guimarães, Póvoa do Varzim e Vila do Conde), aliada à falta de motivos de oferta que cumpram o espectro de turismo de praia e montanha, constitui um obstáculo à captação de visitantes. Por isso, o projeto do MIEC_ST, integrado numa área de oferta cultural de grande exigência e qualidade, constitui uma forte aposta num “nicho de mercado” muito qualificado e com considerável poder aquisitivo. Nesta perspetiva, o projeto do MIEC_ST pode considerar-se estruturante para o desenvolvimento do concelho na medida que qualifica a oferta e, dessa forma, torna-se indutor de desenvolvimento económico e de coesão social, uma vez que contribui para a formação dos cidadãos. Também na área ambiental o MIEC_ST cumpre dois objetivos fundamentais. O primeiro, pelo facto de “exigir” espaço público qualificado para se constituir como espaço “museológico”, induz à criação de espaços verdes para a implantação das obras, uma vez tratar-se de um museu ao ar livre e o segundo, pelo facto de contribuir decisivamente para a aproximação dos cidadãos para a fruição dos espaços verdes e a prática de atividades ao ar livre.

No âmbito pedagógico o papel a desempenhar pelo MIEC_ST tem potencialidades para se constituir como uma das mais significativas intervenções no âmbito educativo na medida em que a participação no ato criativo, por si só, constitui numa alteração comportamental relevante, uma vez que implica uma ação interventora e participativa.

Resumindo, com a implementação do presente projeto, o contributo do MIEC poderá ser significativo, diversificado e multifacetado, com incidência transversal na comunidade local, concorrendo efetivamente para o cumprimento da sua missão e dos principais fundamentos do organismo da tutela.

As parcerias consideradas para o desenvolvimento do presente projeto, no seu todo ou em parte, privilegiam instituições com as quais a entidade promotora do mesmo mantém relações protocolares e que constituem, indubitavelmente, uma referência no panorama museológico, nacional e internacional.

Considera-se como eventual parceira a **Fundação de Serralves**, instituição da qual a entidade promotora é sócia fundadora e que recentemente assinou um protocolo de colaboração com o município de Santo Tirso na área de promoção e dinamização da cultura em geral e das artes plásticas em particular.

Num segundo nível de abordagem crê-se como vantajoso para o desenvolvimento do projeto o estabelecimento de uma parceria com uma entidade estrangeira, com relativa proximidade geográfica e cujo posicionamento no domínio das artes plásticas seja consistente com o do MIEC_ST, considerando-se, para o efeito, o Museu de Arte Contemporânea de Santiago de Compostela como entidade privilegiada para o efeito.

Em síntese conclusiva, pode afirmar-se que o MIEC_ST, é um projeto de mais-valia para a cidade/concelho de Santo Tirso.

A sua construção, em sucessivos Simpósios realizados ao longo das últimas três décadas, representou uma implementação lenta e progressiva de peças pelos jardins públicos da cidade, num manifesto de arte contemporânea que foi conquistando, por si só, população e transeuntes.

Embora o encerramento deste projeto ainda pertença ao futuro, através da construção do Centro Interpretativo do Museu e a celebração do XX e último Simpósio, a coleção de peças existente já justifica o extrapolar do MIEC para “além portas”, no sentido de captar visitantes e constituir um acréscimo válido e ativo na oferta turística do concelho e seu fomento económico.

O seu forte contributo para um novo olhar sobre a arte contemporânea em Santo Tirso, resultou numa sensibilização silenciosa para todos os que passam por uma escultura e a apreciam enquadrada num jardim. Estes “ornamentos”, em contraposição à estatuária comemorativa paralela, refletem um passo em frente aqui dado na utilização do espaço público e nas medidas projetadas pelas entidades competentes, para a própria cidade.

Devidamente segmentado, o MIEC enquadra o Turismo Cultural. A falta de implementação de medidas de dinamização eficazes impede o conhecimento deste museu fora do concelho de Santo Tirso e a sua justa inclusão em percursos/rotas de cariz cultural.

Situado entre Porto e Guimarães, dois mercados turísticos de valor cultural, este museu constitui uma oferta congruente entre o forte legado histórico destas cidades, em paralelismo à oferta contemporânea já existente na cidade do Porto através do Museu da Fundação de Serralves e obras arquitetónicas como a Casa da Música.

Por vezes, as medidas de dinamização passam por simples operações “de charme”, que nos locais certos poderão abranger uma larga faixa de turistas. Tomemos como exemplo o aeroporto de Sá Carneiro, onde chegam, por imposição de não haver qualquer outro, todos os turistas do grande Porto que se deslocam de avião.

A existência e disponibilização, no próprio aeroporto, do código referente à aplicação eletrónica que propomos desenvolver, pode ser um primeiro contacto dos turistas com a existência do Museu. Paralelamente, promover o desenvolvimento de ações isoladas de promoção do próprio Concelho de Santo Tirso, como a oferta de jesuítas em miniatura ou dar a provar o licor de Singeverga, no sentido de captar o interesse dos turistas por esta cidade/concelho.

Estas ações são exemplos que, enquadrados numa estratégia regional e conjunta, como será de referir a da Associação de Municípios do Porto, poderão representar pequenos passos, no início de um caminho favorável a Santo Tirso converter-se numa cidade com interesses a visitar.

Santo Tirso, terá ainda um longo caminho a percorrer no alcance de ser uma cidade/concelho, com forte atividade turística. Os esforços em tornar a cidade, melhor para os seus habitantes e eficiente na captação de novos moradores, é já um ponto de partida no almejo de uma movimentação turística conjunta.

Mais do que sozinha, Santo Tirso necessita do suporte de uma oferta turística conjunta e sustentada, para que possa vir a tornar-se, no futuro, num ponto de paragem para os turistas que visitam o Porto e Norte de Portugal.

5) Fontes e Bibliografia

Fontes impressas:

Relatórios da Câmara Municipal

Catálogo - **Alberto Carneiro**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Janeiro 1991.

Catálogo - **Alberto Carneiro, Desenhos, Raízes, Caules, Folhas, Flores e Frutos**, Galeria Quadrado Azul, 2000.

Catálogo - **Alberto Carneiro, Meu Corpo Vegetal**, Edição Galeria Fernando Santos, Janeiro 2003.

Catálogo - **Alberto Carneiro, Com os Elementos, Escultura, Fotografia, Desenho 1965-2011**, Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea, Câmara Municipal de Almada, 2011.

Catálogo - **Seminário Internacional - Quarteirões Culturais, Experiências e Desafios no Quadro da Política Urbana**, 23 a 26 de Outubro de 2012.

Catálogo – **1.º Simpósio Internacional de Escultura Santo Tirso' 91**, CMST, 1991.

Catálogo – **2.º Simpósio Internacional de Escultura Santo Tirso' 93**, Santo Tirso: CMST, 1993. Dep. Legal 102330/96.

Catálogo – **3.º e 4.º Simpósios Internacionais de Escultura Santo Tirso' 97**, Santo Tirso, CMST, 1997. Dep. Legal 141991/99.

Catálogo – **5.º e 6.º Simpósios Internacionais de Escultura Santo Tirso' 99 e 01**, Santo Tirso, CMST, 2001. Dep. Legal 197159/03.

Catálogo – **7.º Simpósio Internacional de Escultura Santo Tirso' 04**, Santo Tirso, CMST, 2004. Dep. Legal 141991/99.

Guia na Internet destaca eventos em todo o País. «Metro». (5 Junho 2013) 8.

Bibliografia e Sítios Eletrónicos

ALVAREZ, Soledad – «**Impact de la mondialisation : de la ruine industrielle à la ville musée. Gijón : la sculpture comme élément de transformation de la ville**». In *Les Villes et le monde. Du Moyen Âge au XX siècle*, dir. Acerra, Martine et alii., Rennes: PUR, 2011.

ALMEIDA, Bernardo Pinto de - **Alberto Carneiro: Lição de Coisas**. S.I., Campo das Letras, 2007.

GARCIA, Nuno Guina - **O museu entre a cultura e o mercado: um equilíbrio instável**. Coimbra: Instituto Politécnico, 2003. ISBN 972-98593-2-9.

KEMP, Martin - **História da Arte no Ocidente**. Verbo, 2006. ISBN 978-972222-584-7.

KOTLER, Philip; HAIDER, Donald H.; REIN - Irving: **Marketing Público**. São Paulo: Makron Books, 1994. ISBN 85-346-0294-8.

LAMBERT, Theopisti Stylianou - «Gazing from home: cultural tourism and art museums». *Annals of Tourism Research*. Cyprus. Vol.38, No.2, (2011) pp 403-421.

MACHADO, Carlos Sousa - **Santo Tirso – Zona de Turismo**. 1947.

MCKERCHER, Bob; CROS, Hilary - «Testing a Cultural Tourism Typology». *International Journal of Tourism Research*, Vol. 5, N.º 1, (2003). p 82.

MELO, Alexandre - **O que é a Arte**. Difusão Cultural. 1994. ISBN 972-709-183-0.

MILES, Malcom, et al – **Arte Pública e Cidadania - Novas Leituras da Cidade Criativa**. Caleidoscópio, 2010. ISBN 978-989-658-075-9.

MIRANDA, Poveda Juan - **O Espaço Turístico, Gestão e Sustentabilidade**.
Revista Portuguesa de Marketing. N.º 5 (1997), p. 29-35.

MOURÃO, José Augusto – **O Museu como Acto Comunicativo: produção e Interpretação**. In *Museus, Públicos e Literacia*, Coord Pedro de Andrade, Lisboa, Colibri, 2010. p.59-79.

NURYANTI, Wiendu - “*Heritage and Postmodern Tourism*”. *Annals of Tourism Research*, Vol. 23, No.2 (1996), p. 294-260.

PIMENTEL, Alberto - Santo Thyrso de Riba D’Ave. 1902.

RICHARDS, Greg - “Production and Consumption of European Cultural Tourism”. *Annals of Tourism Research*. Vol. 23, No. 2 (1996), p. 261-283.

RUNYARD, Sue; FRENCH, Ylva - **Marketing & Public Relations Handbook, for Museums, Galleries & Heritage Attractions**. Londres: Walnut Creek, 1999. ISBN 0117026492.

SANTOS, Carla Almeida - “*Framing Portugal Representational Dynamics*”. *Annals of Tourism*, Illinois. Vol 31, N.º 1 (2004), p 122-138.

Sítios Eletrónicos

ASSOCIAÇÃO DE MUNICÍPIOS DO PORTO - Modelo de Dinamização e Promoção do Turismo para a Área Metropolitana do Porto. (2008). Disponível em: [<http://amp.pt/>], Consultado 8 Junho 2013.

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO TIRSO - Câmara Municipal Vai Candidatar o Mosteiro de Santo Tirso a Património Mundial. Disponível em: [http://www.cm-stirso.pt/pages/7?news_id=122], Consultado 16 Maio 2013.

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO TIRSO - Museu Internacional de Escultura Contemporânea ao Ar Livre. Disponível em: [<http://www.cm-stirso.pt/pages/665>], Consultado 10 Maio 2013.

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO TIRSO - Museu Municipal Abade Pedrosa. Disponível em: [<http://www.cmstirso.pt/pages/330>], Consultado 16 Mar 2013.

GONÇALVES, Carlos - Santo Tirso Documentários 1930 a 1997. Disponível em: [<http://www.youtube.com/watch?v=kElkuNMZPwY>], Consultado 11 Junho 2013.

JUNTA DE FREGUESIA DE SANTO TIRSO - Abade Pedrosa. Disponível em: [<http://www.jf-santotirso.pt/index.php/freguesia/figuras-ilustres/9-abade-pedrosa>], Consultado 12 Agosto 2013.

O Porto é uma Nação. Disponível em: [<http://mjfsantos.blogs.sapo.pt/129338.html>], Consultado 3 Setembro 2013 .

O QUE É O BENCH MARKING - IAPMEI. Disponível em: [<http://www.iapmei.pt/iapmei-bmkartigo-01.php?temaid=2>], Consultado 3 Agosto 2013.

PERALTA, Elsa - PATRIMÓNIO E IDENTIDADE. OS DESAFIOS DO TURISMO CULTURAL. *ANTROPOLÓGICAS*, n^o4 (2000), p. 217-224. Disponível em [<http://revistas.rcaap.pt/antropologicas/article/viewFile/932/734>], Consultado 28 Fev. 2013.

SUPLEMENTO JORNAL DE NOTÍCIAS - Câmara quer candidatar Mosteiro de Santo Tirso a Património Mundial da Humanidade. Disponível em: [<http://pt.scribd.com/doc/156784596/Suplemento-Jornal-de-Noticias>], Consultado 22 Julho 2013.

TURISMO DE PORTUGAL - Guias Técnicos Turismo de Portugal. Disponível em: [<http://guiastecnicos.turismodeportugal.pt>], Consultado 11 Maio 2013.

TURISMO DE PORTUGAL - Vídeo Promocional. Disponível em: [\[http://www.youtube.com/watch?v=iC1i-YluLY\]](http://www.youtube.com/watch?v=iC1i-YluLY), Consultado 25 Junho 2013.

TURISMO DO PORTO E NORTE DE PORTUGAL - Estudos. Disponível em: [\[http://www.portoenorte.pt/client/skins/geral.php?page=9&cat=2&top=1\]](http://www.portoenorte.pt/client/skins/geral.php?page=9&cat=2&top=1), Consultado 25 Agosto 2013.

WIKIPEDIA - Turismo de Massa. Disponível em [\[http://pt.wikipedia.org/wiki/Turismo_de_massa\]](http://pt.wikipedia.org/wiki/Turismo_de_massa), Consultado 2 Agosto 2013.

ZORZAL, Ezequiel Roberto; CARDOSO, Alexandre; KIRNER, Cláudio; JUNIOR, Edgard Lamounier – Programa de Pós Graduação em Engenharia Elétrica -Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – Brasil e Programa de Pós Graduação em Ciência da Computação - Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) .São Paulo – Brasil. Disponível em: [\[http://scholar.google.pt/scholar?hl=pt-BR&q=realidade+aumentada&btnG=&lr=\]](http://scholar.google.pt/scholar?hl=pt-BR&q=realidade+aumentada&btnG=&lr=), Consultado 8 Junho 2013.

ANEXOS